



Revista
GeoUECE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM GEOGRAFIA - PROP GEO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO CEARÁ - UECE**

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

**GEOGRAFIA E IDEOLOGIA:
GEOGRAFIA ESPECULATIVA
E IGNORANTE (ENSAIO
CRÍTICO)**

Marquessuel Dantas de Souza

Citação: SOUZA, M.D. Geografia e ideologia: Geografia especulativa e ignorante (ensaio crítico). **Revista GeoUECE (Online)**, v. 6, n. 10, p. 111 - 156, jan./jun. 2017. ISSN 2317-028X.



**GEOGRAFIA E IDEOLOGIA: GEOGRAFIA ESPECULATIVA E
IGNORANTE (ENSAIO CRÍTICO)**

**GEOGRAPHY AND IDEOLOGY: GEOGRAPHY SPECULATIVE AND
IGNORANT (CRITICAL TEST)**

**GÉOGRAPHIE ET IDÉOLOGIE: GÉOGRAPHIE SPÉCULATIF ET
IGNORANTE (ESSAI CRITIQUE)**

Marquessuel Dantas de Souza¹

¹Graduado em Geografia. Estudante do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (Geoliterart) da USP. E-mail: marquessuelgf@hotmail.com

Resumo

O presente texto apresenta brevemente uma crítica à Geografia contemporânea, situando-a como uma forma de saber outro que está envolvida por abrangentes ideologias e torna-se especulativa e ignorante, através da alienação convicta presente em seu discurso. Contudo, o manuscrito direciona-se para uma observação não habitual nas análises geográficas. Ademais, chama atenção para o papel da relação existente entre Geografia e Sociologia, cujo elo legitima a Geografia Política e a Geopolítica. Do mesmo modo faz uma ressalva às análises marxistas à Geografia.

Palavras-chave: Geografia especulativa ou ignorante; Ideologia geográfica; Geografia Política e Geopolítica; Geografia e Sociologia; Geografia e Marxismo.

Abstract

This paper briefly presents a critique of contemporary geography, placing it as a way to know others who are involved in comprehensive ideologies and becomes speculative and ignorant by selling believes this in his speech. However, the manuscript is directed to an unusual observation in the geographical analysis. In addition, calls attention to the role of the relationship between Geography and Sociology, whose link legitimizes the Political Geography and Geopolitics. Likewise does qualify the Marxist analyzes to Geography.

Key-words: Speculative or ignorant geography; Geographic ideology; Political Geography and Geopolitics; Geography and Sociology; Geography and Marxism.



Cet article présente brièvement une critique de la géographie contemporaine, en le plaçant comme un moyen de connaître les autres qui sont impliqués dans des idéologies globales et devient spéculative et ignorant par la vente croit dans son discours. Cependant, le manuscrit est dirigé vers une observation inhabituelle dans l'analyse géographique. En outre, attire l'attention sur le rôle de la relation entre géographie et sociologie, dont le lien légitimise Géographie politique et géopolitique. Fait même qualifier l'analyse marxiste à la géographie.

Mots-clés: La géographie spéculative ou ignorants; Idéologie géographique; Géographie politique et géopolitique; Géographie et sociologie; Géographie et marxisme.

1. INTRODUÇÃO

Geografia e Ideologia: geografia especulativa e ignorante. Em que consistem esses termos tão estranhos quando se trata dos estudos geográficos? É exatamente nestes termos que evidenciaremos uma breve reflexão crítica à Ciência Geográfica contemporânea. Precisamente aqui, faremos uso de uma interessante frase de Heidegger para expressarmos o que pensamos da Geografia: “die Wissenschaft denkt nicht” (Heidegger, 1954, p. 04) – “a ciência não pensa”. Diremos então: a ciência é cega. Entenderemos esta proposição ao longo do texto. Acompanhemos.

Pois bem, em se tratando de despertar outros e novos olhares sobre a epistemologia e a práxis na e da Geografia, temos o objetivo intencional em instigar o interesse psicofilosófico-geográfico para pensarmos de modo diferente o mundo que nos cerca e se desprendermos desses tempos de massificação exacerbada e nítida, haja vista sermos – em realidade – adestrados e não instruídos a fim de servirmos às ideologias estatais, de empresas privadas e ou terceirizadas (ideologias, de certo modo, hegemônicas). Com efeito, temos em mente que sofremos com a imposição de linhas de montagem ou linhas de produção, para tanto, sem que as próprias produções efetuadas nos pertençam. Quer dizer, fazemos sempre para os outros, nunca para os nossos próprios proveitos (nos referimos, especificamente aos geógrafos). Como um todo, acreditamos que recebemos treinamentos, domesticação e não formação. Somos vítimas da sociedade em que vivemos. Ou melhor, existencialmente “não vivemos, mas somos vividos” (safranski, 2012a, p. 30).



Em todo caso, quando da opção das expressões apresentadas no início, grosso modo, intenta-se por chamar atenção, claro, dos olhares des-confiados daqueles não habituados com hipóteses próprias, cujos mesmos, estão apenas acostumados com rótulos engendrados por outros (profissionais ou não). Nestes termos, pode-se dizer ser esta uma proposta um tanto ousada, audaciosa, ambiciosa ou atrevida, bem como desafiadora de nossa parte; em suma, uma *geografia de vanguarda*, deste modo entendido: lembrando assim talvez, as inegáveis contribuições, por exemplo, de autores e mestres da história da geografia tais como Friedrich Ratzel, Ricahrd Hartshorne e Fred Schaefer, e outros mais, que tanto causaram, ou melhor, dizendo, esses autores e outros tanto influenciaram de modo tão positivo o desenvolvimento da Geografia (e do pensamento geográfico).

Antes de iniciarmos, propriamente dito, devemos ressaltar que todas as obras, toda a literatura, textos e ou materiais listados nas referências bibliográficas são os mesmos no qual houve a possibilidade de consultá-los uma vez que estavam disponíveis ao nosso alcance. Outros precisamente não. Eis, portanto, a diversidade entre originais e traduções. Na consulta dos textos em si optou-se preferencialmente pelos originais. De certo, realizamos uma revisão de literatura. Além do que já fora dito nesta introdução, o presente escrito se configura num discurso de tríade dialética envolvendo especificamente Geografia, Filosofia e Sociologia (Política), assim acreditamos, e o denominaremos, doravante, de *estudo metageográfico*, [para empregar um termo de Carlos (2015)], pois se configura num estudo, por assim dizer, de “*Geografia crítica radical*” (Carlos, 2015, p. 142, grifos do original) conforme a *metageografia* proposta por Ana Fani Alessandri Carlos (2015). Contudo, a presente investigação se diferencia um pouco daquilo assinalado pela referida autora. Isto, em virtude de que nossa pesquisa diverge em alguns pontos ou nega, de certo, algumas perspectivas desenvolvidas por Ana Fani Carlos (para um melhor discernimento em si, observemos ao longo deste ensaio as colocações aqui propostas).

Não obstante, observemos que todos os grifos no corpo do texto são nossos, salvo os grifos dos autores aqui expostos, cujos mesmos são



identificados e especificados. Além disso, apesar de parecermos prolixos, o presente texto é um estudo introdutório, preliminar e interpretativo referente à ideologia na e da Geografia e ao marxismo na e da Geografia. Portanto, este escrito é uma pesquisa ainda em construção. Ou melhor, se constitui como um diálogo inconcluso e incompleto, aberto à sugestões. Numa palavra: inacabado. Apenas e tão somente explanaremos reflexões críticas para com a Geografia.

2. IDEOLOGIAS GEOGRÁFICAS: UMA CRÍTICA À CRÍTICA

Considera-se aqui Geografia especulativa e ignorante a Geografia de caráter ideológico. Assim sendo, de início coloca-se já o seguinte: porque os estudos geográficos são direcionados, principalmente, ao serviço estatal e privado? A Geografia pode ser neutra? Tende a desvendar as máscaras sociais, proposto por Ruy Moreira (1982a, 2015)? Sabiamente Armando Corrêa da Silva pergunta: “a Geografia propõe muito e realiza pouco. Ou o contrário?” (SILVA, 1988, p. 127). Sigamos com nossa tese ambiciosa.

Antes, porém, convém esclarecer o que é a *metageografia* adotada por nós, advinda de Ana Fani Alessandri Carlos (2015). Bem entendido, simplificando as explicações, a *metageografia* não é uma nova geografia, nem uma nova subdivisão, mas uma hipótese metodológica, buscando superar a crise na geografia. Assim, exige reflexões profundas, “num retorno à filosofia” (CARLOS, 2015, p. 147). A *metageografia* propõe uma atitude crítica e de reflexão radical intentando por mostrar a realidade escondida/camuflada, permitindo novos projetos/horizontes na e para Geografia do futuro. Tal hipótese não quer ser uma teoria, mas se assim entenderem, é digno citar a seguinte passagem: se aquilo nascido do ventre humano, no momento de seu rompimento umbilical, “vem sujo de gosma e sangue. Porque aquilo que nasce do espírito humano viria limpo? Em face de uma idéia nova, precisamos esperar que ela cresça” (DUMÉZIL, citado por KONDER, 1989, p. 27), assim como a criança recém-nascida, isto, para que seja avaliada como merece. Passado o tempo da eclosão, mostrará sua beleza e com isso, eliminará os pré-conceitos à primeira vista. Neste contexto, aguardemos o todo da exposição para evitarmos julgamentos equivocados.



A partir deste ponto, então, já podemos afirmar com segurança ser a *Geografia uma ideologia*. Em todo caso, para sustentar a afirmação anterior (a *Geografia é uma ideologia*) devemos recorrer ao próprio Ruy Moreira (2014), uma vez que este autor coloca a Geografia numa situação difícil/desconfortável quando de seu método de avaliação ou de abordagem do real. Em sua obra *O Discurso do Averso* (editada pela primeira vez em 1987), o referido autor nos mostra *Como Pensamos efetivamente a Geografia*: “uma ciência da forma, mas sem conteúdo” (MOREIRA, 2014, p. 31); “uma ciência do real, mas limitada ao visual da aparência” (MOREIRA, 2014, p. 35); “uma ciência da visualização do invisível, mas sem a explicitude do par teoria-método” (MOREIRA, 2014, p. 37); “uma ciência com problemas, mas sem questões” (MOREIRA, 2014, p. 38) ou sem soluções; “uma ciência de síntese, mas perdida na força dessa potência” (MOREIRA, 2014, p. 39). Em suma, a Geografia é uma ciência abrangente, porém, limitada. Apesar de suas irrefutáveis contribuições.

Diante disso diz-se que a Geografia atual, em especial no Brasil, engendra especulações e torna-se ignorante perante sua ética científica e profissional. Sendo assim, perguntemos: se em parte *os estudos geográficos não são mais do que caricaturas de ciência*? Posto que suas contribuições, em certo sentido, são supérfluas (sobretudo no que diz respeito à Geografia Humana). Por outro lado, os estudos desenvolvidos pela ciência geográfica como um todo, contribuem significativamente. Doravante, afirmamos categoricamente que *a Geografia está em crise*. Com efeito, buscando colaborar para uma firme crítica construtiva para com a Geografia diremos de forma provocativa e polêmica: *a Geografia ainda é uma pseudociência*; a Geografia ainda vive na penumbra científica. Neste sentido, vez por outra, observa-se que no presente escrito direcionaremos uma crítica radical à Geografia – pois devemos demolir suas barreiras e fazer emergi-la/erguê-la de suas subordinações melancólicas, de sua demência dogmática e contestá-la como ciência, numa palavra, emancipá-la –, assim como fez Jean-Paul Sartre discutindo criticamente o marxismo e o existencialismo disse singularmente: “*a Filosofia não existe*” (SARTRE, 1960, p. 15, grifos do autor). Deste modo, para elevarmos ou emanciparmos a Geografia à categoria de ciência positiva e garantir seu lugar no social, na cultura, antes diremos: *a Geografia parece não existir*. Mas existe. A Geografia acadêmica é



"elitista" e possui uma de suas vertentes como "supostamente" científica; ou seja, na verdade, uma parte da geografia é hermética. Muitos geógrafos não sabem o que é e para quê serve a geografia; são indivíduos coletivizados mergulhados no hermetismo científico. Ou podemos dizer, ditadura científica e acadêmica? Entrementes, observemos o todo desse ensaio para compreendermos o que fora dito antes.

Bem entendido, inicialmente por que há escolas geográficas e não apenas uma escola geográfica brasileira? Quer dizer, os departamentos e os institutos brigam por concorrências, entre outras coisas; isto demonstra a imaturidade moral e ética por parte de suas políticas hegemônicas (isto também se efetua entre países [qual o país com o melhor departamento ou o melhor laboratório de geografia {melhor grupo de geógrafos}]). O mesmo ocorre com os ensinamentos geográficos, ou seja, muita coisa ministrada (dentro e fora da academia: geografia científica e geografia escolar) tem como objetivo doutrinar os discentes para que os mesmos dêem continuidade às ideologias alienantes (ou alienatórias/alienadoras) já existentes. Nesta perspectiva, o mesmo acontece com a segregação entre a Geografia Humana e a Geografia Física, cada qual buscando validar sua própria ideologia. Dito de outra forma, a Geografia contemporânea "é uma geografia composta de geografias que se relacionam, mas não compõem uma unidade" (SILVA, 1982, p. 14). Ou mais precisamente: "nos dias de hoje, há muitas geografias mas nenhuma geografia" (SANTOS, 2008, p. 119), efetivamente. Em realidade, "hoje a Geografia se divide e se subdivide ao infinito e a especialização realiza-se como alienação" (CARLOS, 2015, p. 145). Neste intento, conservaremos, por assim dizer, esta separação entre geografia humana e geografia física apenas para fundamentar nosso argumento, apesar de não concordarmos com esta separação; sem embargo (criticamente), acreditamos existir *A Geografia [Una]*. Pois compreendemos que "já não mais cabe a divisão dicotômica da *Geografia Física e Humana*, já a partir do fato de que *o homem está em "ambas" as geografias*" (MOREIRA, 1993, p. 36). Deste modo e buscando uma melhor compreensão diremos: é possível uma mudança? Sim, desde que nos comprometamos para com o desenvolvimento cultural (social) de forma livre e não confinados em transmitir idéias impostas (encomendadas) ou partidárias. Além do mais, geógrafos clássicos, entre eles,



Ritter, Humboldt, Ratzel, Reclus, Vidal de la Blache, Brunhes e outros mais, são utilizados, na contemporaneidade, como parâmetros argumentativos – ideologicamente – nos debates estabelecidos pelos estudos geográficos. Nesta acepção, é possível dizer que a Geografia está sufocada, asfixiada com demasiada hipocrisia e inutilidades. Isto se verifica especialmente na chamada Geografia Humana. Eis a razão de termos dito que a Geografia nos parece inexistente. Evoquemos então, respeitosamente, o saber geográfico efetivo.

Um adendo: antes de seguirmos com a abordagem/reflexão geográfica, devemos falar um pouco sobre Educação. No que se refere à Educação em termos gerais – já indicado preliminarmente na introdução –, criticamente afirmamos que somos adestrados e não instruídos (recebemos adestramentos e não instruções. De certo, “a sala de aula não pode e não deve ser tomado como uma linha de montagem” (SILVA, 2002, p. 81). E mais: “a escola não é partido político” (FARIA, 1984, p. 79). Com isso se diz que a educação atual é opressora. Apesar de que essa opressão seja camuflada). Com efeito, buscando compreender as idéias de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) assinalados por Louis Althusser (1970), há de salientar o AIE escolar (sistema de ensino). Pois, para este autor “a Escola e as religiões ‘adestram’ por métodos apropriados de sanções, exclusões, seleção, etc.” (ALTHUSSER, 1970, p. 14; 2007, p. 79). Ainda mais: no concerto da ideologia, a música silenciosa “se trata da escola” (ALTHUSSER, 1974, p. 43). Por conseguinte, a escola (a pedagogia; o ensino; numa palavra, a educação) “exige apenas submissão. O único objetivo é adestrar à forma e à matéria” (STIRNER, 2001, p. 77). Como se pode verificar, a escola torna-se vítima da “contaminação ideológica” (SEVERINO, 1986, p. 45). Por vezes, sabemos que a ideologia é uma “linguagem entre os homens” (WERNECK, 1984, p. 41), é verdade. Todavia, as belas mentiras permeiam sempre no discurso pedagógico. Como exemplo, podemos acrescentar que “o objetivo real da ideologia subjacente aos textos de leitura é o de criar um mundo relativamente coerente [...] com a função de mascarar um mundo real” (NOSELLA, s/d, p. 177). Para tanto, tenhamos em mente que na realidade “ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica” (FREIRE, 2008, p. 125). Deveras, quando Nietzsche nos fala das escolas superiores alemãs, podemos dizer o mesmo, porém, das escolas brasileiras. Em suma, Nietzsche nos diz: “o



que as escolas superiores da Alemanha efetivamente alcançam é um adestramento brutal que, com o menor dispêndio possível de tempo, visa tornar um grande número de jovens aproveitável, *explorável* para o serviço do Estado” (NIETZSCHE, 2009, p. 71, grifo conforme a tradução). Neste sentido, fundamentalmente, pode-se dizer que *a ideologia faz com que o interesse de poucos se torne a necessidade de muitos.*

Voltando à Geografia, defendemos que o caminho espinhoso e labiríntico que propomos como sugestão (suprir as necessidades intelectuais da e na Geografia: necessidades metodológicas = epistemologia/ontologia) não é fácil de seguir, reconhecemos, mas podemos superá-lo.

Ideologias geográficas: tal como nos sugere o título de uma das obras de Antonio Carlos Robert Moraes (2005a). É assim que poderíamos denominar o presente texto crítico; não obstante, igualmente poderíamos sugerir como subtítulo o seguinte: *para crítica da geografia que a ocultam*; ou então, poderíamos também ter denominado esse escrito de: *Crítica à razão geográfica: a dramatização e a tragédia da geografia*. Decerto, há uma busca, de nossa parte, *por uma outra geografia*. Em suma, o presente ensaio poderia se denominado curiosamente e de modo provocativo de *Geografia extemporânea e intempestiva*.

Salientemos que realmente a Geografia serve como veículo, instrumento ideológico. *A Geografia é um saber ideológico*, ou, como nos ressalta Armando Corrêa da Silva (2000): “*A Geografia [...] uma ideologia do cotidiano*” (SILVA, 2000, p. 07). Por sua vez, James Anderson (1977, p. 50) nos diz que “a Geografia é mais ‘transmissora’ do que uma ‘promotora’ de ideologias”. Ou dito de outra forma, “a Geografia não cria ideologias, apenas as transmite” (MORAES, 2005, p. 43). Com efeito, para Jean Dresch (1948), a Geografia “responde a uma ideologia necessariamente orientada” (DRESCH, 1948, p. 88). E mais: a Geografia sempre “foi utilizada como um meio de propaganda nacional ou internacional, uma arma de combate entre Estados e entre Impérios, mais ainda, talvez, que a história” (DRESCH, 1948, p. 88). Deveras, ainda conforme Jean Dresch (1977), sob a “influência de ideologias dominantes e de orientações nacionais”, através destas “ambiguidades e destas *deformações ideológicas*”, a



Geografia não se desprende de modo distinto como “uma ciência claramente consciente de seu objeto particular, de métodos capazes de lhe assegurar, por vezes, seu próprio desenvolvimento teórico e as condições de sua prática” (DRESCH, 1977, p. 20). Bem entendido, “a geografia, tal como ela é hoje, ajuda a desenvolver e a manter ‘um saber ideológico’” (SANTOS, 2008, p. 263). “O que em si mesmo é um dado revelador de sua eficácia ideológica” (MORAES, 2005b, p. 107). O que nos leva a afirmar que desde o reconhecimento da Geografia como Ciência (final do século XIX), a mesma demonstra vocação “a uma forma de imperialismo” (SANTOS, 2008, p. 116). Para tanto, Jules Sion (1904) comentando a segunda edição da *Geografia Política* de Ratzel, a chama de um “verdadeiro manual de imperialismo” (SION, 1904, p. 171). O mesmo ocorre com Marquessuel Souza (2014) quando analisa os fundamentos filosóficos na *Antropogeografia* de Ratzel; Marquessuel nos diz de Ratzel que, quanto à política de administração territorial: “em certos instantes seus escritos parecem mais com manual de imperialismo” (SOUZA, 2014, p. 164). Vêem-se então os caminhos e os descaminhos em que a geografia vem seguindo como ciência, desde seus primórdios aos dias atuais. Evidentemente, a Geografia ainda “sofre a influência das ideologias em curso” (DRESCH, 1948, p. 88). Ademais, a interpretação geográfica não apenas engendra influências correntes, “de fato ela se torna, por si mesma, uma verdadeira ideologia” (SANTOS, 2008, p. 106). Em síntese, “a Geografia tem sido um discurso de grande poder ideológico” (MOREIRA, 2014, p. 165).

Certamente, ao referenciarmos a Nelson Werneck Sodré (*Introdução à Geografia: geografia e ideologia*) e a Yves Lacoste (*A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, em especial*) – cujos mesmos, publicaram as referidas obras originalmente em 1976, e propõem a Geografia como uma ideologia, sobretudo, ressaltando a íntima ligação entre Geografia Política e Sociologia, principalmente nos estudos relacionados à Geografia Política e à Geopolítica –, podemos inferir que estes autores criticam a Geografia, singularmente, ao perceberem que a mesma estabelece relações outras (falsidades ideológicas e dramatizações). Em outros termos, ambos os autores colocam a Geografia (Ciência Geográfica e Geografia Científica) como objeto de manipulação, monopolização da e na sociedade, a serviço de..., entre muitas



outras coisas (entenda-se). Embora este vínculo aproximando Geografia e Sociologia e certamente à Política seja importante e muito difundido no pensamento geográfico, é digno de nota dizer que isto já tenha sido evocado anteriormente e com clareza por Max Sorre em um trabalho intitulado *Encontros da Geografia e da Sociologia* (1957) e por Pierre George em sua obra *Sociologia e Geografia* (1969). Não obstante, quanto a isso, na obra *O Homem e a Terra (1905-1908)*, Elisée Reclus se dedique às questões sociais. Neste sentido, por exemplo, associando Geografia e Sociologia, algumas análises sociológicas de Durkheim (1899 e 1900, originalmente), entre outros autores, podem ser adicionadas aos estudos geográficos. Principalmente as resenhas direcionadas às obras de Ratzel, publicadas nos *l'Annales sociologiques* (já traduzidas e publicadas no Brasil). Com efeito, a epistemologia da geografia nos situa nesta direção. Por conseguinte, para Ruy Moreira “a geopolítica não passa de um discurso ideológico do espaço visando esconder sua natureza igualmente superestrutural, jurídico-político e ideológica” (MOREIRA, 1982b, p. 45). Embora ressaltando que os “estudos recentes têm-se reduzido em muito as ideologias geográficas ao discurso específico da Geopolítica, como se os demais campos” (MORAES, 2005a, p. 11) da geografia “não constituíssem um amplo e eficaz veículo ideológico” (MORAES, 2005a, p. 11). De modo geral, perguntemos: “quem não confunde o discurso geográfico com o dos aparelhos de Estado?” (MOREIRA, 2012, p. 107). Em todo caso, *todos os campos da geografia são ideológicos*, especificamente a Geografia Política e a Geopolítica. Ou como nos disse sabiamente Yves Lacoste (1981): “a geografia, tão simplória na aparência, talvez seja um saber perigoso...” (LACOSTE, 1981, p. 273).

Em todo caso, autores estrangeiros como Ratzel, Mackinder, Haushofer, Kjellén, Mahan, Brzezinski, Spykman e outros tantos, e alguns autores brasileiros como Mario Travassos, Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva, e outros mais, são figuras clássicas marcantes e singulares para percebermos o caráter ideológico da e na Geografia [aqui enfatizamos, sobretudo, os estudos entre Geografia e Sociologia, grosso modo, Geografia e Política. Isto se verifica devido à organização política (territorial) dos Estados,



que comporta os estudos de Geografia Política e Geopolítica¹. De todo modo, esta abordagem assim podemos considerar, é visivelmente constatada desde as cidades-estados da Grécia antiga (como nos aponta Cole, 1974)]. Por vezes, a Geografia contemporânea apresenta aspectos ideológicos (vejamos mais adiante).

A fim de nos posicionarmos melhor nesta exposição, nos convém acrescentar que a literatura sobre *Ideologia* é ampla, contudo, algumas obras, singularmente, constituem materiais importantíssimos e bastante interessantes (significativos) para percebemos o que estamos defendendo. Antes, porém, somos levados por exigência própria (seguindo um esforço da nossa linha de pensamento) a salientar que Louis ALTHUSSER é de forma original, singular e sistematicamente o principal autor ou o maior representante sobre a Teoria da Ideologia, assim o consideramos. Dizíamos, algumas obras são indispensáveis (muitas das quais com perspectiva marxista, embora nos distanciemos das mesmas), especificamente: *A Ideologia Alemã* (Marx e Engels), *a Antropogeografia e Geografia Política* (Ratzel), o influente e provocante texto *Aparelhos Ideológicos de Estado* (Althusser), bem como outros escritos do mesmo autor no qual se discute o conceito de ideologia (ver referências); *Geografia Política* (Mauil), *Ideologia e Utopia* (Mannheim), *Por uma Geografia Nova e Por uma outra Globalização* (Milton Santos), *Geografia das Fronteiras* (Ancel); o artigo intitulado *Ideologia em Geografia* (James Anderson), o curto e interessante escrito *Reflexões sobre a Geografia* (Dresch), assim como o ensaio *Discurso geográfico e discurso ideológico* (Racine), bem como a obra *A Política dos Estados e sua geografia* (Gottmann); do mesmo modo os relevantes e notáveis textos sobre *Geografia e ideologias* de Jacques Lévy; o crítico e provocante escrito em alemão *A produção geográfica da ideologia* de Bernd Belina; as obras *Do texto a Ação*, *A ideologia e a utopia* (Ricoeur), o excelente ensaio *O que é Ideologia* elaborado por Marilena Chauí, o texto de Jaime Balmes intitulado *Ideologia*; e porque não considerar também o distinto e interessante Manifesto Comunista (Marx e Engels), além de *Psicologia das Massas* (Freud), *Técnica e ciência como “ideologia”* (Habermas), a interessante obra *A rebelião*

¹ Ver todos os textos referidos nas referências bibliográfica, inscritos como [*Supra].



das massas (Ortega y Gasset), entre muitos outros trabalhos, cujos mesmos corroboram para com o triunfo ideológico nas ciências; em nosso caso específico, da e na Geografia, como já apontado. Ou seja, estudando estas obras vê-se o quanto a Geografia está envolvida com múltiplas ideologias.

Exposto isto, poder-se-ia dizer que averiguando em seus pormenores estes citados escritos e todas as suas elaborações (conceitos e teorias desenvolvidas) e observando-os e do mesmo modo estudando-os rigorosamente, é possível inferir que a Geografia realmente promove ideologias e alienações, ou melhor, é evidente que existem ideologias e alienações geográficas. Contudo, Moraes (2005) indagando-se a esse respeito nos sugere de forma notável o seguinte: “Existem ideologias geográficas?” (MORAES, 2005, p. 44). Necessariamente e sem hesitações, é possível responder que sim. Vejamos mais adiante o que acabamos de sustentar ou de defender. Em 1985 – de forma bastante interessante – os *CAHIERS DE GÉOGRAPHIE DU QUÉBEC* publicaram um número especial (v. 29, nº 77) sobre *ideologias e geografia*, em que todos os artigos apresentam excelentes qualidades discursivas e argumentativas (consultar referências). Contudo, aqui é digno enfatizar que alguns dos autores que aparecem no número do referido periódico apresentaram trabalhos no colóquio franco-inglês realizado em Cambridge entre 23 e 25 de março de 1979, cuja temática: *Ideologias e Geografia*. Alguns desses autores mantiveram os mesmos títulos, tanto das apresentações quanto das publicações (como Lévy, Sautter, Racine *et al.*). Ver referências.

Neste momento, em particular, é apropriado chamar atenção para alguns trabalhos de Milton Santos. Algumas obras do supracitado autor – não necessariamente aquelas aqui citadas –, quando efetuado uma leitura atenta sobre as mesmas (dos escritos miltonianos), pode-se afirmar sem receios que são estudos ideológicos, ou mostra a ideologia permeando a ciência geográfica, conquanto quase imperceptível; apesar de serem trabalhos de excelentes qualidades. O mesmo se pode dizer de David Harvey, Ruy Moreira, Ana Fani A. Carlos, Yves Lacoste, Paul Claval, Armando Corrêa da Silva e outros tantos. Cujos mesmos são autores contraditórios, afirmam e negam seus discursos – sem perceber, talvez – nos traçados de suas obras (todos, autores marxistas).



Para melhor visualizar o que acabamos de inferir, a segunda parte deste escrito esclarecerá ao leitor nosso ponto de vista.

Contextualizando nossa crítica, entretanto, não se referindo em específico aos autores citados anteriormente, temos o seguinte: alguns geógrafos fazem pesquisas apenas para legitimar os interesses dos que lhes auxiliam (financeiramente? talvez! Suposta qualificação? talvez!); a estes *geógrafos* “intelectuais” (eruditos) o chamaremos de *oportunistas* (no sentido pejorativo, mesmo), [o papel dos intelectuais elucidado por Gramsci não é esse. Assim consideramos]. Em síntese, o capitalismo financeiro deixou a geografia perdida, a mesma busca – sem cessar – encontrar *o ângulo do círculo* (metaforicamente). Com isso se quer dizer que os geógrafos tornaram-se mecânicos, tecnicistas e pragmáticos demais sem a devida preocupação *em Pensar sobre e no Pensar sobre* ou ainda *com o Pensar sobre a "Geografia"*. Tornaram-se imediatistas (principalmente os da geração século XXI, porquanto, tradicionalistas; uma espécie de vanguardistas conservadores, ou mais precisamente, *pós-modernos anacrônicos*. [Ou melhor, ainda, compartilhamos da idéia de Latour de que “jamais fomos modernos” (LATOURE, 2013, pp. 51; 142)]. Mostram os problemas, mas não os solucionam, apontam os defeitos ou as falhas no sistema, mas não fazem coisa alguma para este quadro se alterar, positivamente. Estes geógrafos são aqueles que apenas seguem a *moda do momento*, sem nenhuma preocupação epistemológica e ou ontológica. Assim sendo, pode-se ainda dizer ou acrescentar algo sobre estes geógrafos de “visão tecnomaterialista: ... incompleta, porque fica presa apenas à experimentação (empirismo), aos poucos elementos analisados, à análise quantitativa (correlação)” (MARQUES, 2012, p. 23). Com isso devemos lembrar, com pesar, das análises críticas de Walter Benjamin (2014) sobre *a pobreza da experiência* diante da técnica. Nesta tendência, citemos o poeta Hölderlin: para este autor (em 1798, aproximadamente), “os homens estão como que aparafusados na sua própria atividade, e, no estrondo das oficinas, só ouvem a própria voz. Como selvagens, trabalham incansavelmente, com o rude braço, mas seu labor é sempre infrutífero, estéril, como o das Fúrias” (HÖLDERLIN *apud* ZWEIG, 1956, p. 217). Se estes geógrafos sarcasticamente produzem alguma coisa, realizam apenas tautologias, eufemismos. Citemos também, nesta acepção, o poeta Fernando



Pessoa, que nos diz que “na vida de hoje, o mundo só pertence aos estúpidos, aos insensíveis e aos agitados” (PESSOA, 2006, p. 190). Diremos audaciosamente e criticamente que tanto a Geografia Humana quanto a Geografia Física vergonhosamente não se contentam com suas pesquisas e “as vendem”, as colocam à disposição daqueles ou daquelas que mais lhes oferecem vantagens e privilégios (sem mais explicações). Neste ponto preciso perguntemos, então: em realidade *qual é o verdadeiro papel da Geografia?* Decerto, a Geografia não é *ingênua*, não possui coisa alguma de ingenuidade, sabemos. Muitos autores afirmam ser a ideologia uma ação inconsciente, subjetiva ou não visível, entretanto podemos dizer que “a ideologia nunca é mistificação totalmente inconsciente” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 17) ou subjetiva. Ela é visível, para quem sabe observá-la. Assim entendido, a ideologia é simbolicamente uma ação psicossocial inerente ao ser-do-homem (teoria prática e prática teórica). Relativamente inconsciente ou subjetiva, entretanto, não em absoluto.

Reconhecemos certamente que para alguns geógrafos a Geografia Urbana domina o cenário social preferencialmente, pois para tais tudo existe no urbano, ou melhor, tudo se reduz à cidade, tudo acontece longe do rural. Ora, por isso temos tantas monografias sobre urbanidades. Contudo, sem preocupação profunda com a pesquisa ontológica imanente ao homem, verdadeiramente. O mesmo se dá em relação à Geografia Política, haja vista tudo se concentrar em torno de ações administrativas (estratégicas), envolvendo assim, em especial, a economia política. Por outro lado, apenas como exemplificação de nossas idéias, quando pensamos na Geografia Agrária, nos surge esta passagem desconcertante: ao nos deslocarmos para realizar o trabalho de campo, o interesse é colher, selecionar e coletar dados para fundamentar nossas pesquisas ou legitimá-las, no entanto, “jamais” ajudamos, realmente, aqueles ali estabelecidos (populações tradicionais: indígenas, quilombolas, ribeirinhos, agricultores de baixa renda e outros). Nisto, estes seres humanos (povos) tornam-se vítimas das investidas dos geógrafos (ridiculamente associados à Movimentos Sociais). Isto é certo? Acreditamos que não. Vê-se então, a alienação e a ideologia dominando profundamente a Geografia e seus discursos. Não longe disso, há também a Geografia do turismo, que deseja “vender espaços” aos visitantes, assim como a Geografia ambiental que se vê



nessa lógica do ecológico como meio para as “áreas verdes” para e da exploração consumista (entenda-se). Todas, constituindo-se em “negócios”. Absurdamente ainda há uma suposta Geografia ficcional ou fictícia, artificial: a Geografia que conduz suas pesquisas na busca utópica da *ontologia do espaço*. Quase negando em sua totalidade a dimensão do real. Sem contar com a Geografia cultural e humanística que aborda o mundo poeticamente (fantasias ou alucinações). Que ironia! Todas estas Geografias se empenham em transformar a aparência em essência. Outra vez, que ironia! Isto é muito cômico e dramático ao mesmo tempo. Isto se chama corrosão de caráter. Confusão entre latente e manifesto, no sentido psicanalítico. – *A Geografia é um narcisismo invertido*.

Não obstante a tudo isso, o mesmo ocorre com a Geografia dita militar. Esta se concentra em si mesma (totalitarismo) para ganhar terreno no que diz respeito em legitimar e justificar relações outras entre Estados (territorialidades). Neste contexto Jean Gottmann (1952) faz algumas colocações pertinentes no que se refere às nossas argumentações: “*a política dos Estados, tem-se dito, está em sua geografia*” (GOTTMANN, 1952, p. VII, grifos no original). Mais precisamente, Napoleão Bonaparte numa carta endereçada ao rei da Prússia (10 de novembro de 1804), declarou incontestavelmente: “... *la politique de toutes les puissances est dans leur géographie*” (BONAPARTE, 1862, p. 48) – “a política de todas as potências [Estados-Nação] está em sua geografia”. Referindo-se a Gottmann, o mesmo ainda acrescenta: “há, portanto, simbiose entre a política dos Estados e a geografia dos espaços ocupados por estes Estados” (GOTTMANN, 1952, p. 04). De todo modo, “é a geografia utilizada para fins políticos” (GICOVATE, 1952, p. 162). Em todo caso, é verdade, “podemos mesmo afirmar que *o Estado é um ente geográfico, em um ambiente geográfico*” (GICOVATE, 1952, p. 160, grifos do autor). Assim, evidentemente, pode-se proferir que *não há Estado sem território*. Com feito, é interessante remeter os leitores a consultarem os Anais da ABED aqui consultados (Associação Brasileira de Estudos de Defesa) e os arquivos presentes nas referências



bibliográficas com a inscrição [*Supra]² a fim de que possam observar as colocações apresentadas por nós.

Diante o exposto, sublinha-se outra *provocação* de nossa parte, e provavelmente sejamos censurados por isso: *alguns geógrafos brasileiros e alguns geógrafos estrangeiros (não vamos nomeá-los), apesar de suas relativas contribuições, estragaram e ainda estragam a Geografia. Numa palavra: corromperam-na (corrompem-na)*. Uma vez que suas influências deixaram a e deixam a Geografia à deriva ao alcance das mãos de qualquer um (entenda-se). Posto que hoje haja ambientalistas, urbanistas, ecologistas e uma leva ampla (um leque enorme) de rotulações oriundas da Geografia, mas cada vez menos pertencente à própria Geografia, quer dizer, aos geógrafos. *Corromperam a Geografia*, no sentido de que, tais influências, sem fundamento, se intensificaram tal que os geógrafos não conseguem ultrapassar outras instâncias existências (trabalhar a Geografia introspectivamente: refletir epistemologicamente de um ponto de vista qualitativo, eis o que falta à Geografia contemporânea. Retornar a Filosofia e a Psicologia, por exemplo; não ficar encarcerado apenas à Geografia, simplesmente. Deixar de ser um Prometeu acorrentado (à Geografia). Nesta acepção, eis uma situação desfavorável e de incômodo à ciência geográfica: há carência aos geógrafos de formação filosófica e psicológica). Por isso, há um número cada vez mais reduzido de estudantes nas cátedras de Geografia quando comparado a outras cátedras. A mesma está desencontrada. Em suma, *prostituíram a geografia*.

Para tanto, acrescentemos: as censuras sociais fazem com que passemos a agir segundo seus próprios interesses, suas ideologias. Isto é, de acordo com suas hostilidades. A jurisprudência, ou melhor, a legislação nos possibilita (nos amplia, é evidente) e ao mesmo tempo nos impede (nos limita) de desenvolvermos um conhecimento puro e centrado numa proposta/investigação ímpar do ponto de vista, assim acreditamos, crítico-

² Objetivamos para o futuro escrever um texto dialogando sobre a *Geografia Política* e a *Geopolítica* e suas variantes. [Muitos dos textos consultados sobre *Geografia Política* e *Geopolítica* são desconhecidos do público brasileiro]. Optamos por apresentar a inscrição [*Supra], afim de evitarmos nos estender ainda mais citando os autores e suas respectivas obras. Por isso a escolha de tal opção. Desde já pedimos compreensão aos leitores por esta discrepância.



cultural. Quer dizer, as *Leis* constituem-se a forma máxima de regência social, mas o que acontece exatamente é que pessoa alguma questiona dicotomias, ambigüidades, contradições, antagonismos promovidas pelas "supostas leis" (ou mesmos pelas supostas teses, no nosso caso, dos geógrafos). Quer dizer, em virtude das ideologias alienantes e ameaçadoras as coisas acontecem simplesmente (entenda-se; sem mais explicações). Com isto temos em mente, além do mais, a paradoxal legislação que rege o tão evocado e provocador Código Florestal, que, exemplificando, fora aceito pela comunidade geográfica sem estabelecer verdadeiras reivindicações ou questionamentos inerentes para impedi-lo de ser sancionado. Mesmo que se tenha ocorrido manifestações concernentes a sua aprovação, as mesmas foram superficiais (latentes). Quer dizer, com os ditames da sua validação os geógrafos pararam, estacionaram, ficaram estagnados diante das políticas administrativas (esquemáticas e estratégicas), recuaram perante as incansáveis reclamações do maior geógrafo físico brasileiro: Aziz Nacib Ab'Saber. Ou seja, o código fora aprovado, porém, os geógrafos nada fizeram para metamorfoseá-lo, no mínimo. Não promoveram novos debates a seu respeito. Não houve negociação. Assim, vê-se a Geografia como algo sem critério para agir e enfrentar as ações sociais no que concernem as externalizações acadêmicas; interesses alheios. Mas isso é aparência. A Geografia atua sim, mas dado seus próprios interesses. Entrementes, nos parece que *a Geografia é laboratorial*. O que não é verdadeiro, mas em muitos aspectos se mostra com essa fisionomia.

Diante disso, observa-se que códigos, estatutos, decretos (leis em geral) e outras regulamentações sociais mais, servem apenas e tão somente como meios para legitimar interesses próprios e alheios (específicos). E os geógrafos fazem parte desta parcela. Pois em muitas ocasiões suas pesquisas servem para encerrar estes favorecimentos incoerentes e manifestos. Não é habitual pontuar isso, mas diremos: os próprios geógrafos não realizam contrarrespostas eficazes. Muito dificilmente contradizem. Quando raramente realizam (ou tentam realizar) são inflexivelmente censurados. *Desmistificar a Geografia*, eis o impulso, a inquietação e o propósito, por assim dizer, desse nosso ensaio.



3. GEOGRAFIA E O DISCURSO MARXISTA: UMA NOTA CRÍTICA

Do mesmo modo que fora evocado alguns manuscritos sobre *ideologia*, nitidamente há alguns textos sobre *alienação* nos quais os mesmos são referências valiosas e inestimáveis para percebermos o quanto a Geografia está presa à lógica contemporânea (lógica capitalista: do capital; e, logicamente do discurso marxista), em que muito se desvia do caminho geográfico. E no Brasil, o resultado é este: “o neocapitalismo tem causado uma verdadeira devastação na Geografia brasileira” (CARLOS, 2015, p. 146). Entendemos com isso, tanto na Ciência Geográfica (perspectiva teórica) quanto no território (perspectiva concreto-real [na prática]). Posto que “uma trama econômica prende então espacialmente os homens a uma sociedade centrada nas relações de classe e do capital. O resultado é a alienação: alienação espacial dos homens” (MOREIRA, 2004, p. 28). Contudo, isto provoca a esterilização do pensamento humano (milhões de pessoas, mas poucos pensam).

Antes de seqüenciarmos, há, porém, de acrescentar exatamente o que se segue: o presente manuscrito como um todo, mais especificamente esta segunda parte pode parecer paradoxal ou contraditório para os leitores, uma vez que se utilizam, em (algumas) muitas ocasiões, autores marxistas, conquanto que direcionaremos críticas severas a estes, assim como já direcionamos críticas a alguns marxistas na primeira parte. No entanto, ao citá-los utilizamo-nos apenas metodologicamente para o desenvolvimento de nossas argumentações. Para explicar melhor: se nesta seção negamos o marxismo e ao mesmo tempo utilizamos citações de autores marxistas é tão somente como complemento às nossas proposições. Vejamos.

Como dissemos, há alguns materiais/escritos sobre o conceito de *alienação*, com efeito, o principal de todos os textos acerca da alienação, assim acreditamos, é a obra singular *Manuscritos econômico-filosóficos* (Marx); também é possível considerar o breve escrito "*Alienação*" desenvolvido por Paulo Serra, bem como evidenciar alguns autores que, além de tratarem sobre alienação também desenvolvem, ou desenvolveram, uma teoria sobre ideologia: Gyorgy Lukács, Gramsci, o próprio Althusser, Poulantzas, István Mészáros e tantos outros, cujos mesmos são interessantes e sistemáticos no que concerne



à crítica social; por vezes, Althusser e Poulantzas, em especial, se voltam mais para o conceito de ideologia, propriamente dito (reforcemos que todos são autores marxistas).

Evidentemente, ainda podemos considerar a obra *Psicologia das Multidões* (Le Bon); *A opinião e as massas* (Gabriel Tarde); o interessante e instrutivo *Discurso da servidão voluntária* (La Boétie), obra publicada originalmente no século XVI. Entrementes, devemos enfatizar que a idéia de alienação nos moldes atuais, porém com modificações, primeiramente apareceu com Hegel e Feuerbach (conferir supra). No que concerne à Geografia, por exemplo, o texto básico de referência que nos serve neste exato momento, quanto a alienação e a crítica ao marxismo, intitula-se *Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo*, da autoria de Karl Wittfogel (texto original de 1929). Assim como o interessante livro *O Que é Geografia?* (Ruy Moreira, 2009), no qual o autor expõe – parafraseando-o –, que a geografia se prende a ideologias e é um veículo de alienação (p. 66). Do mesmo modo os textos de Heidemann, em parceria com seus discípulos [****Supra**], (Ver as referências). Bem entendido, nos servem também alguns dos artigos publicados nos periódico *Cahiers de Géographie du Québec* (1985, v. 29, n. 77, já referido), os quais tornam-se fundamentais como base para estudarmos à respeito do discurso marxista na geografia (consultar alguns textos assinalados na referências bibliográficas). Como referencial teórico ou como complemento documental sobre a discussão entre o “espaço” e o marxismo, merece uma atenção crítica especial o texto *O Marxismo e o Espaço* (Claval, 1977), bem como é digno de um olhar crítico os textos de Poncet e os textos de Lacoste citados nas referências, além daqueles já mencionados (Lacoste). Do mesmo modo nos servem como referencial as obras *Justiça social e a cidade* e *A produção capitalista do espaço* (Harvey). Além das citações diretas expostas nesta segunda parte do texto e muitas outras obras ou escritos [e tantos outros textos não mencionados].

Salientemos, extraordinariamente, que o primeiro autor geógrafo brasileiro a contestar o marxismo na geografia fora o professor doutor *Caio Lóssio Botelho* em seu livro *A filosofia e o processo evolutivo da geografia*, de 1987. Este autor, contra toda uma tradição geográfico-marxista, insistiu



categoricamente que o determinismo econômico e histórico é algo muito simplório e equivocado. Portanto, ele refutou o materialismo dialético e histórico e publicamente disse que não aceita este tipo de situação. Outro autor decisivo em seus argumentos é o professor doutor *Luis Lopes Diniz Filho*, que, muito seguro do que pensa e do que afirma, denunciou, por assim dizer, a castração dos intelectuais geógrafos envolvidos com o marxismo e a paranoia em que os mesmos se encontram, assim como a própria Geografia. Seu texto singular e muito polêmico de referência intitula-se *Certa má herança marxista: elementos para repensar a geografia crítica*, publicado em 2002. Cujo mesmo já causou muito mal-estar na comunidade geográfica de cunho marxista. Como resultado do artigo de Diniz Filho (2002), há uma contra-resposta aguda de Ana Fani Alessandri Carlos em um texto de sua autoria intitulado *A "geografia crítica" e a crítica da geografia*, publicado no periódico *Scripta Nova*, Barcelona, 2007. [Acreditamos que o mesmo acontecerá com a publicação desse nosso texto. Certamente o presente ensaio suscitará polêmicas e incômodos. Mas não ignoremos nossos argumentos].

Assim sendo, conforme a presente crítica afirmamos com segurança que as idéias de Marx ou Marx & Engels são bastante difundidas nos estudos geográficos, por vezes, o que ocorre são confusões quanto aos conceitos advindos desses autores e de seus adeptos. Dito de outra maneira: a Geografia desde a primeira metade do século XX, quando engendrou rotulações (marxismo, por exemplo, entre outras) em suas investigações, passou a interpretar a sociedade de forma equivocada, confundindo a prática dos conceitos utilizados. Para tanto, nos convém inferir que tudo em relação ao conhecimento é válido, todavia, é necessário filtrarmos o que recebemos para sabermos construir nossa calha (metaforicamente) de forma consistente para que a mesma não sofra vazamentos. Sabermos filtrar para ingerirmos a transparência é fundamental. Ou seja, os escritos de Marx ou Marx & Engels são fundamentais, é evidente, mas constata-se que a Geografia se perde e se distancia de suas especificações quando das aplicações conceituais advindas de Marx, Marx & Engels ou do marxismo. Isto é, aplicam-se as noções marxianas (Marx) ou dos chamados marxistas, por assim dizer, só que ao avesso. Portanto, invertidas e nisto, equivocadas, assim entendemos. Em todo caso, nos diz Milton



Santos: “a explicação correta do método marxista à geografia supõe que se parte do real, para exorcizar todo risco de ceder à ideologia” (SANTOS, 1982, p. 135). Neste contexto, perguntemos: os estudos geográficos partem deste ponto evocado efetivamente? Sugerimos que esta é uma situação duvidosa. Ou seja, nem sempre é assim. Quer dizer, nem sempre se parte do real miltoniano. E do mesmo modo devemos somar que a Geografia se entrega às ideologias, principalmente a ideologia marxista. Cedendo seu conhecimento e recebendo influências as mais diversas e dos mais variados graus.

Entendemos que de certo modo *os escritos de Marx*, assim como dos denominados *marxistas*, apesar das críticas ou denúncias direcionadas ao sistema capitalista vigente – assim convém expressar radicalmente –, são *manuais para e do capitalismo*. Observando os escritos marxianos e marxistas com bastante rigor, é possível conceber estratégias e táticas de manipulação e manutenção para o sistema capitalista (os marxistas não admitem tal fato). Os mesmos são escritos fundamentais, isto é evidente, não podemos negar, contudo, tornam-se escritos apaixonados, cegos e “limitados”, e, por assim dizer, quanto à revolução social; são *manuais* para aquilo que tanto refutam (o capitalismo). Portanto, são tratados, artigos, teses, resenhas e tantos mais, que apenas e tão somente reforçam e colaboram,/contribuem, estimulam e incentivam ainda mais para a perpetuação selvagem desse monstro chamado capitalismo e de sua barbárie infinda³. Assim, a famosa “teoria crítica” oprime seus próprios seguidores. Uma ressalva crítico-radical de nossa parte: sabemos que muitos dos autores estudados por nós neste ensaio foram ou são marxistas pequeno-burgueses. Apesar de suas inquietações veementes, jamais deixaram (ou deixam) de serem capitalistas disfarçados. Em outros termos: em suma, os intelectuais marxistas discursam uma coisa e vivem outra; ou melhor, dizendo, será que os mesmos realmente vivem o que discursam? Afirmamos que eles não vivem de suas retóricas (assim são aqueles de esquerda e muitos dos que simpatizam com o comunismo/socialismo: todos marxistas. Embora muitos neguem essa afirmativa e muitos outros ainda nem percebam que são

³ Nem mesmo no século XIX, assim consideramos, a humanidade viveu uma época tão avassaladora como a nossa (XXI). Muito embora saibamos que o século XIX fora um período difícil para muitos. Ver, por exemplo, *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*, de Rüdiger Safranski.



ocultamente marxistas. Isso é lamentável). Desejam igualdade para todos, contudo, não dividem com ninguém seus bens, e ainda tem o hábito de subsistir da exploração dos demais. Mantém-se do luxo que a miséria dos demais lhes propõe (principalmente professores universitários [de Universidades públicas, em sua maioria], escritores, artistas, ativistas, militantes entre muitos outros, cujos mesmos são simpatizantes do marxismo, da esquerda e do ideal socialista). Parece-nos inconveniente explicitar estas passagens, mas é a verdade que não quer se ocultar. Para que os leitores possam entender estas últimas colocações é interessante confessarmos indubitavelmente que para nós *o marxismo é o ópio dos intelectuais*. Assim como nos sugere Raymond Aron em *O ópio dos Intelectuais* (1955); bem como nos sugere Jules Monnerot em *Desmarxizar a Universidade* (1970). Ver também a obra *A tragédia do marxismo* (1948), de Michel Collinet, e a compilação de textos que compõe *O socialismo dos intelectuais* (1979), de Jan Wacław Makhaiski. [Todos esses autores são marxistas heterodoxos].

Para um breve diagnóstico à respeito do que chamamos de manuais capitalistas, basta voltarmos nosso olhar para os grandes nomes da economia mundial: autores renomados que visaram e visam à ampliação dos lucros e a *tiranía* dos hegemônicos, legitimando a riqueza monetária concentrada nos círculos viciosos de grupos minoritários perversos que exploram até a medula do ser humano. Autores que indisfarçavelmente explicitam seus *cinismos*. Para entendermos esta perspectiva, e dizer sem hesitações o que acabamos de afirmar, há que efetuar a leitura de tais autores observando os detalhes de seus escritos, de suas frases, suas intenções e tendências. O que eles querem dizer com citações e o que pretendem não dizer (o que ocultam?). Pois muitas vezes, ocultam mostrando e mostram ocultando. Quer dizer, lê-los com uma *consciência crítica* e não com uma *consciência ingênua* – segundo a excelente proposição do intelectual brasileiro Álvaro Vieira Pinto – é o que deve ser feito.

Rapidamente podemos dizer que o livro *Marxismo e Geografia* de Massimo Quaini (1979) demonstra isso, ou seja, o evocado no parágrafo anterior (confusão entre Geografia e Marxismo, portanto, contém ingenuidade por parte do autor; a própria obra de Quaini é confusa). Sem mais explicações, Lacoste



(2013, p. 141) audaciosamente indaga: “princípios de uma geografia marxista ou o fim da geografia?” Em outras palavras: podemos dizer, interpretando-o, que a Geografia quando passou a usar o marxismo (ou pensamento marxista) como fundamento metodológico iniciou o seu fim, no dizer de Lacoste. Mas isto vem acontecendo porque os geógrafos que usufruem do marxismo confundem as propostas marxianas ou dos marxistas. Em outras palavras, os geógrafos estudam Marx e os marxistas, estamos cientes disso, mas os mesmos não sabem questioná-los de forma adequada. Ou melhor, se recusam a questioná-los, e se questionam, não sabem contestá-los. Unicamente colocam em prática aquelas idéias (marxianas e/ou marxistas) sem antes se perguntarem se as mesmas são apropriadas para os fins objetivados. Ora, defendemos sem categoricamente que *Marx jamais foi geógrafo*; há algumas passagens em seus escritos, evidentemente, que são de uma clareza positiva para a Geografia, mas Marx jamais pensou na geografia com olhar de geógrafo; apenas pensou em termos de localização e repartição – exploração – no sentido de força de trabalho, meio de produção e reprodução do capital, em particular; *Marx observava a geografia como economista e não como geógrafo*. Não podemos esquecer esta apropriação. Mas os geógrafos esquecem, ou, fingem não lembrar dessas evidências manifestas.

Ademais, os geógrafos ditos marxistas contribuem, sobretudo, na e para a discussão dos problemas urbanos, é verdade. Por isso a importância da sociologia (e da filosofia, em sua amplitude). Contudo, devemos atentar para a gritante confusão por parte dos geógrafos quando não se perguntam sobre a própria sociologia ou sobre a própria filosofia (carência de formação. Já nos referimos a isso). Quer dizer, apesar da íntima ligação entre Geografia e Sociologia, e Geografia e Política, há de ressaltar que *um trabalho sociológico não é geográfico*. E vice versa. O mesmo se diz de um trabalho filosófico, antropológico, econômico, arquitetônico, psicológico, artístico e etc. O geógrafo necessita ter em mente que muita coisa produzida tem um fim específico. Mas o estudante de Geografia se vê alucinado, iludido (por utopias e fantasias) e ironicamente também se enxerga embriagado (no sentido nietzschiano) por coisas *Imediatas* sem uma verdadeira preocupação com o *Mediato*. *Geógrafos estes do faz de contas*. Se os mesmos realizam reflexões, estas são simplórias,



supérfluas e em todo caso não aprofundam o conhecimento que deveriam (conhecimento necessário e útil). Destarte, pergunta-se: “seria possível discutir Geografia e marxismo?” (SILVA, 1986, p. 117). E nesta relação é possível evitar interpretações outras (ideologias e alienações)? Temos dúvidas quanto a isso. Como já dito, alguns geógrafos buscando aplicar a metodologia ideológico-marxista ou marxista-ideológica (ideologia marxista especificamente) se corromperam e se corrompem e nisto, corromperam e corrompem a ciência geográfica e suas descendências (gerações vitimadas).

Em se tratando de marxismo em Geografia, Armando Corrêa da Silva talvez seja o autor brasileiro que mais se aproximou de uma abordagem com clareza sobre a temática. Em sua reluzente obra *De quem é o Pedacço?* (1986), o referido autor desenvolve uma pesquisa, por assim dizer, “sem dogmatismos” (talvez), assim compreendemos. Sua preocupação teórica o singulariza na Geografia brasileira. A dialética e a idéia de práxis permeiam todo o seu texto, apesar disso, nota-se que a referida obra ainda contém falhas (ideologias e alienações: pois Armando não se desgarrar da idéia de território, principalmente. Assim como sua obra *Geografia e lugar social* (1991), cuja mesma constitui uma referência significativa, no entanto, o autor não se desprende da idéia de “lugar social” e de espaço). Na obra em questão (*De quem é o Pedacço?*), o autor segue um raciocínio singular quando demonstra os caminhos a serem percorridos com o auxílio de alguns conceitos advindos do marxismo. É interessante observarmos como este autor delinea uma inovação metodológica nos estudos geográficos. Uma possível *Geografia Real-Singular* – assim a chamaremos –, é o que se verifica nestes escritos armandianos (*De quem é o Pedacço?*, principalmente). O mesmo se dá, é óbvio, na obra *Por uma Geografia Nova* (1ª ed. 1978) de Milton Santos, por vezes, acreditamos ser este um trabalho um pouco mais superficial em relação ao de Armando. Obras importantes no cenário geográfico, mas ainda contém fissuras abissais em suas camadas (é necessário estudá-las criticamente).

Resumindo a relação Milton versus Armando: a obra de Armando, como um todo, assim a designaremos de *Geografia Real-Singular-objetivo-subjetiva*; já a obra de Milton Santos a denominaremos de *Geografia Ideal-Singular-*



objetivo-subjetiva (apesar de ambas serem ideológicas e de tradição marxista). Vê-se então realismo e idealismo em pensadores da mesma geração. Algo muito interessante de se observar. Embora tenhamos consciência de que ambos os autores possuam experiências diversificadas; como exemplo, podemos recordar que Milton Santos viveu em alguns países [entre os quais Estados Unidos, Canadá, França e outros mais], e assim, conviveu com outras realidades e adquiriu experiências variadas, o que lhe deu suporte para suas *teorias do subdesenvolvimento: terceiro mundo*. Com isso, diferenciando-se um pouco, por assim dizer, das análises epistemológicas de Armando).

Se referindo ainda à Milton Santos, o mesmo assinala ideologicamente: “uma ideologia não é propriamente uma teoria mas o seu oposto” (SANTOS, 2008, p. 196). Neste sentido, geograficamente compreendemos que *a prática do geógrafo é o que constitui a ideologia geográfica*. À maneira como o geógrafo aplica seus conhecimentos é o que torna a Geografia uma ideologia (a *Geografia, um saber ideológico*). Não obstante, para pensarmos ou refletirmos positivamente e de modo simples (à partir da citação de Milton Santos referida anteriormente), sugerimos a seguinte passagem: “poderia o homem pensar não ideologicamente?” (WERNECK, 1984, p. 10). Bem entendido, confessamos que “é impossível um viver ideológico” (WERNECK, 1984, p. 43, grifo nosso). Nesta acepção, no que se refere à educação pode-se dizer que “é impossível admitir-se uma prática educativa dissociada das ideologias e o perigo maior será exatamente essa admissão” (WERNECK, 1984, p. 84). Em suma, “em todas as atividades sociais há ideologia” (MARCONDES FILHO, 1985, p. 81). Geograficamente “não seria possível um espaço totalmente não ideológico” (WERNECK, 1984, p. 115). *Em qualquer lugar ocupado pelo homem há ideologias. Portanto, o homem é um ser ideológico.*

Apesar disso, a Geografia negligencia outros temas importantes, histórica e geograficamente, cujos mesmos não nos convém mencioná-los aqui em razão de não ser nosso propósito momentâneo. *A geografia é negligente*, a não ser quando se interessa por serviços de terceiros: contratos feitos por e para aproveitadores e oportunistas. Que vergonha! Assim acrescentemos: a Geografia está envolto por um esquema publicitário exclusivo (fechado,



encoberto [camuflado], manipulador, etc.), que poucos geógrafos percebem/reconhecem ou não querem perceber/reconhecer. Geógrafos estes que se tangenciam para não saírem da zona de conforto no qual se encontram. Tem medo de encarar a real situação da Geografia, e do mundo. E quando pensam, seus pensamentos são vagos, rasteiros. Portanto, vê-se peremptoriamente que “os geógrafos que se dizem marxistas na verdade se desviam para a economia ou a sociologia, privilegiando as escalas planetária e média. *Marxismo e geografia dificilmente se articulam*” (FOUCAULT, 1976, p. 83; 2010, p. 163, grifos nossos). É exatamente neste sentido das idéias expostas até aqui, que estamos chamando a Geografia (Geografia Humana, em específico) de ciência especulativa ou ignorante, pois não sabe utilizar os conceitos marxistas de forma digna e adequada. Somente os usa como apropriação ideológica. Destarte, devemos ainda advertir os leitores afirmando que isto também se sucede em relação à Geografia, cujo pseudônimo, Física (geografia física). A climatologia, a cartografia, a geomorfologia, particularmente, são utilizadas para serviços outros (para mídia, em geral [entenda-se]). A cartografia, por meio dos mapas, por exemplo, desde sempre fora utilizada como um instrumento *de e para* a dominação direcionada (como nos sugere Dresch [1948]), logo, se constitui um instrumento ideológico de poder muito eficaz.

Como inquietação nossa, questionemos: *o que aconteceu com o espaço do geógrafo? Será que realmente os geógrafos sabem o que significam espaço, território, área, lugar, meio, horizonte, ambiente, tempo, região e paisagem? Deveras, será que os geógrafos sabem o que são ideologia e alienação? Em suma, os geógrafos sabem realmente o que é Geografia? Talvez estejam confundindo e não saibam diferenciar conhecimento geográfico, geograficidade (proposto por Dardel [1952]), mundo, natureza e existência. Cada um dos termos tem um significado específico. Para utilizarmos de uma frase de Ruy Moreira (2014): “o que a Geografia é ninguém mais sabe” (MOREIRA, 2014, p. 26). Ou melhor, nós geógrafos, verdadeiramente “estaremos, ainda, fazendo geografia?” (SANTOS, 2008, p. 238). Devemos equacionar o saber e assentar que “o novo não se inventa, descobre-se” (SANTOS, 2008, p. 18). Devemos produzir e não reproduzir. Aproveitamos este momento singelo e que nos convém, para criticamente inferir que *produzir, reproduzir e organizar o Espaço é absurdo. O**



espaço é e *estar*, portanto, *existe*. Apesar de sua relatividade é impossível não estar e não existir no espaço. Nesta acepção crítica, infere-se que, se a Geografia é, como todos os manuais escolares colocam, a ciência que estuda a *superfície* da terra, assim sendo, ela permanece em e na *superfície* e dificilmente se aprofunda, penetra plenamente no que concerne às relações de injustiças sociais, a fim de combatê-las. Portanto, nesse sentido pode-se dizer que a *Geografia é uma ciência de superfície*. Mantêm-se em superfície, resistindo em tocar no manto, resistindo em ir além da crosta crítico-social. *Vê-se: estamos em risco com a Geografia.*

Ao partir da *realidade nua*, ponhamos a roupa que falta à Geografia. Em termos precisos: os estudiosos da Geografia somente fazem apologia à mesma, quer dizer, apenas desviam seus olhares, ou melhor, dizendo, partem do centro para a borda, de cima para baixo, de dentro para fora. Ora, é necessário olhar também na direção contrária, ou seja, olhar para as margens, para as bordas da Geografia. Assim como é preciso direcionar um olhar para fora, no sentido de ação social positivo-permanente (auxílio e ajuda em benefício do todo, não em benesses de autopromoção). Bem como é fundamental partir de baixo para cima. Entendemos que estes geógrafos nada mais fazem senão elogiar a Ciência Geográfica. Por isso o próprio discurso geográfico não se altera e não se transforma, num vaivém sem fundamento, permanecendo o mesmo há muito tempo. Parecendo Sísifo, condenado a realizar a mesmice, sempre. Destarte, devemos partir também da periferia da Geografia, isto é, devemos direcionar não só elogios, mas também críticas para desmascará-la de suas ideologias hegemônicas e anestésicas.

Uma vez dito isto, nos surge a aplicação daquilo que Bakunin desenvolveu em alguns de seus escritos, no qual, por sua vez, estabeleceu a diferença entre idealistas e realistas. Neste sentido, portanto, *somos realistas*. Pois sabemos da importância da Geografia e do seu amplo valor social, mas convém acrescentar que existe o outro lado desta ciência agradável e rica de conceitos. Lado este perverso e subversivo como temos demonstrado ao longo deste escrito. Por outras palavras, devemos partir de baixo para cima, de fora para dentro, da periferia para o centro, incrivelmente a fim de atingir *a terceira margem do rio*,



como sabiamente nos disse Guimarães Rosa. Para o leitor atento, *a terceira margem do rio é o próprio leitor*. Simbolicamente se qualquer rio tem duas margens, a terceira margem está em quem lê, decifra ou traduz o mundo onde vive. Mas esta leitura não é tão simples a ponto de deixar-se manipular facilmente. É uma leitura cuidadosa que exige muita concentração e esforço. Com efeito, no nosso caso em particular, a terceira margem é a *Geografia Una* e a *metageografia* adotada por nós. Para tanto, não sejamos como Pigmaleão em busca do seu ideal, da perfeição. Mas a *Geografia Una* e a *metageografia* merecem atenção.

É bem provável que digam que este nosso discurso é uma crítica “anacrônica” e sem fundamento, pois citamos em muitas passagens autores de outrora, muitos da década de 1960/1970; mas pensando criticamente perguntemos: a Geografia superou as idéias, os conceitos, as concepções deste momento histórico e geográfico? Com efeito, inferimos que Não. Talvez sejamos censurados pelo que vamos afirmar à seguir, mas em tese alguns geógrafos que se denominam marxistas *corromperam a Geografia*. Ironicamente o discurso geográfico mantém a Geografia como um saber medíocre, ridículo e estúpido, apesar de toda sua erudição. Pois bem, façamos o contrário se não desejamos ver as salas de aulas vazias ou com poucos estudantes de Geografia. *Coloquemos a Geografia em seu devido lugar; o seu tablado ainda não é o púlpito*. Só assim iremos conseguir nossa própria canopla e mostraremos sua verdadeira face. De forma atrevida coloca-se: *Sustentabilidade é uma farsa. Assim como justiça, política, segurança e saúde públicas e educação* (especificamente no Brasil; um país riquíssimo, dito democrático, porém, corrupto politicamente, numa palavra: miserável moral e eticamente; corrosão de caráter). Portanto, simbolicamente (e de forma polêmica, claro) efetuando uma espécie de escavações arqueologicamente no inconsciente coletivo (Jung), pode-se dizer sem receios que, profundamente, *Democracia é uma farsa*. Defendemos plenamente e não negamos que todas as afirmações aqui expostas são válidas. Uma vez dito isto, sustentamos nossas afirmações aqui efetuadas.



4. CONSIDERAÇÕES

Decerto, quando evocamos um título tão estranho para esse texto – um desafio – imaginamos que os processos desenvolvidos pela ação geográfica não promovem reações no sentido de evitarem, por assim dizer, as gritantes estratificações sociais existentes ideologicamente (divisões de classes sociais, por exemplo). Ao estudar o conceito ou as reflexões sobre Ideologia (e alienação) e ao buscar a neutralidade ideológica (algo muito difícil), a Geografia como Ciência acaba construindo caminhos outros que nos permite chamá-la de Geografia especulativa e ou ignorante, isto, devido à irracionalidade tautológica que lhe pertence (*a Geografia ainda não se completou*). Para tanto, as obras aqui citadas são, sumariamente, uma parte de um todo complexo. Apenas as mencionamos (algumas) para melhor facilitar o entendimento ou a compreensão do composto aqui desenvolvido (o fundamento do mesmo). Por vezes, consultamos aquelas edições cujas mesmas estavam disponíveis a nosso favor, quer dizer, entre originais e traduções, consultamos todas as obras citadas nas referências. Dando ênfase para os originais. Em muitas ocasiões houve a necessidade de consultar outras traduções, que não apenas as do português brasileiro, bem como outras que não as originais, pois nesta ocasião não foi possível uma consulta direta aos originais. Esse nosso discurso carece de um melhor desenvolvido, precisa de uma melhor orientação metodológica para um melhor esclarecimento das ideias expostas, pois o mesmo se constitui simplesmente como um *estudo preliminar, interpretativo e introdutório* em relação ao tema apresentado. Uma vez que pretendemos desenvolvê-lo com maior clareza no porvir. Além disso, somos exigentes e diremos que o mesmo não está salvo de refutações e hostilidades. Mesmo porque este tipo de escrita não é habitual e causa um certo desconforto ao leitor acostumado com leituras onde tudo o que se faz é apontar defeitos e nunca soluções. Talvez seja uma incoerência, mas indubitavelmente este material, assim consideramos, suscitará novos debates, novas pesquisas e novas investigações (com vigor polêmica).

Antes de finalizarmos, apenas considerando, convém acrescentar que o presente texto, ou melhor, o que fora exposto ao longo do mesmo só foi possível por não nos prendermos a lógica ou a ideia de escolas de pensamentos (escolas geográficas: do sul, do norte e outras nomenclaturas). Ou seja, optamos por uma



"suposta" neutralidade (algo muito difícil de manter) e, grosso modo, para se chegar a este ponto merecido tentamos excluir todo tipo de influências. Assim coloquemos: caso queiramos desenvolver algo digno nesta direção não podemos nos restringir à lógica de escolas ou às metodologias específicas de pensamentos (apesar de que muitos autores aqui citados seguem a metodologia marxista; há outros tantos, porém, que correspondem a outras vertentes). A crítica efetuada aqui partiu das inquietações vividas de nossa parte. Consideramos psicologicamente que *as pessoas perderam a capacidade de raciocinarem*. Por meio das ideologias *sofremos estupros mentais (violência mental)*. Assim, diz-se (simbolicamente) que sofremos agressões neurológicas diariamente, principalmente por meio da mídia que nos sufoca, nos asfixia. Vivemos uma época em que as pessoas vivem como se jamais tivessem alcançado a maturidade. Apesar de adultos, demonstram que nunca saíram de suas infâncias incontestes; fazendo-nos lembrar da alegoria da Caverna de Platão. Portanto, evoquemos: saiam da Caverna, da escuridão, vão em busca da luz.

Infelizmente é preciso dizer: as pessoas se rendem com muita facilidade às tecnologias eletrônicas, bem como aos apelos comoventes que a mídia divulga. Assim, o virtual substitui o real. As pessoas acreditam em demasia na mídia. O que falta às pessoas são formações para poderem refletir sobre as coisas. Mas as mesmas não recebem formações, mas in-formações, adestramentos, como já apontado.

Sendo assim, porém não concluindo, afirma-se de forma quase literária (quase romântica) e embrionária; uma espécie de viagem ulisseia ou odisseia geográfica: *precisamos mudar o modo de e do pensar geográfico* antes que nos distanciarmos dos limites da Ciência Geográfica (*artepensamento*). A mídia (a imprensa como um todo) utiliza os dados fornecidos pela Geografia para sensacionalizar seus discursos medíocres, estúpidos, hipócritas, fanáticos e grosseiros; assim, diz-se atrevidamente, e em realidade acontece com os meios de comunicação massificadores: *uma morte humana é uma tragédia, muitas mortes humanas tornam-se apenas e tão somente dados estatísticos: um acidente*. Compreendemos que é assim que a Geografia está se comportando, vergonhosamente. *A Geografia precisa ser repensada urgentemente no século XXI; a Geografia nos faz situar-Ser no mundo ou nos faz ser no mundo; a*



Geografia é estratégica, não negligenciamos tal fenômeno, tem uma importância inestimável na e para a sociedade, é verdade; mas diremos: *a Geografia é ideológica. A Geografia é uma ideologia. Toda ciência é ideológica. Toda ciência é uma ideologia. Qualquer campo do saber é ideológico. O próprio conhecimento é ideológico.* A ciência não é neutra. Nem a Universidade. E, portanto, é certo que nem a Geografia nem outra ciência qualquer escapam à neutralidade, de qualquer tipo. *Vivemos filosoficamente e psicologicamente o que acreditamos. A imaginação move o mundo. O mundo é uma especulação* (atenção para estes dois últimos epigramas). Geógrafos e geógrafas despertem-vos, pois o sonambulismo mantém a Geografia adormecida para com a realidade. Por conseguinte, apesar de seus intelectuais e de suas erudições manifestas, *vivemos a demência na e da geografia; vivemos a inconsciência geográfica.*

Uma vez exposto tudo isso, há de acrescentar algumas palavras às considerações: a extensa seleção de textos apresentada nas referências bibliográficas confirma a nossa proposição (acreditamos que não estamos dialogando em círculos, mas sabemos ou estamos cientes do que estamos defendendo): *a Geografia como ideologia* e, por sua vez, especulativa e ignorante. A leitura cuidadosa de todo o material exposto nas referências condiz para com a tese aqui defendida. Apesar de ser apenas e tão somente um trabalho interpretativo e introdutório ou preliminar, como já se disse em relação àquilo que se pretende mais adiante: uma sistematização das idéias aqui apresentadas. Por ora é isso o que compreendemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAI DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO GERAL. VI ENABED – Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa e I Encontro Sul-americano de Defesa (pensamento brasileiro em defesa), São Paulo: ABED, 2012. 232p.

ANCEL, Jacques. **Géographie des Frontières.** 8^a édition. Préface d'André Siegfried. Paris: Librairie Gallimard, 1938. 220p. (Collection Géographie Humaine)

ANDERSON, James. *Ideologia em Geografia: uma introdução.* (Tradução de Ros Mari Zenha Kaupatez). In: **Seleção de Textos**, AGB-SP, pp. 39-57, n^o 3, 1977.



ALTHUSSER, Louis. *Marxismo e Humanismo*. In: **Por Marx**. (Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro). Campinas: Editora da Unicamp, 2015. 216p. (Coleção Marx 21)

_____. **Aparelhos Ideológicos de Estado** (nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado). 10ª ed. (Tradução Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro). Introdução crítica de J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Graal, 2007. 128p. (Biblioteca de Ciências Sociais: 25; Série Política)

_____. *Práctica teórica y lucha ideológica*. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. Incluye Los Aparatos Ideológicos del Estado. (Traducción de Oscar del Barco, Enrique Roman, Oscar L. Molina). Vigésimoquinta edición. México: Siglo Veintiuno Editores, 2005. 152p. (Biblioteca del pensamiento socialista)

_____. *De l'Ideologie*. In: **Sur la Reproduction**. Introduction de Jacques Bidet. Ouvrage publié avec le concours scientifique de l'IMEC. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1995. 317p. (Actuel Marx Confrontation)

_____. *Filosofia-Ideología-Política*. In: **Filosofia y Marxismo**: entrevista por Fernanda Navarro. México: Siglo Veintiuno Editores, 1988. 100p.

_____. **Ideología y aparatos ideológicos de Estado**. (Traducido por Alberto J. Pla). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974. 88p. (Colección Fichas; 34). Original em francês in **La Pensée**.

_____. **Éléments d'autocritique**. Paris: Librairie Hachette Littérature, 1974. 128p. (Collection Analyse)

_____. *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État (notes pour une recherche)*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, n° 151, pp. 03-38, juin. 1970.

_____. *Teoría, práctica teórica y formación teórica. Ideología y lucha ideológica*. Traducción de Enrique Román. In: **Casa de las Américas**, ano VI, n. 34, p, 05-31, enero-febrero, La Habana, Cuba, 1966. (Hechos/Ideas)

_____. *Marxisme et Humanisme*. In: **Pour Marx**. Paris: François Maspero, 1965. 261p. (Collection Théorie; 1). Publicado original e anteriormente - *Marxisme et Humanisme*. In: **Cahiers de l'Institut des Sciences économique Appliquées** (Cahiers de l'I. S. E. A), Economies et Sociétés - Philosophie et Sciences de l'homme, Série M. Paris: Publications de l'isméa, n° 150, pp. 109-133, juin. 1964.

ALVES, Glória A; BARBOSA, Altiva; GIANANTI, Roberto; HEIDEMANN, Heins Dieter e ZELER, Jans. *Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo: a crítica de Karl August Wittfogel*. In: **ANAIS** - 8º Encontro Nacional de Geógrafos. Movimento brasileiro, movimento geográfico: território, ambiente, cidadania. Salvador, vol. 1, pp. 231-235, julho, 1990. [**Supra]

ARON, Raymond. **L'opium des intellectuels**. Paris: Calmann-Levy, 1955. 337p.



- ATENCIO, Jorge E. **¿Qué es geopolítica?** Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1965. 383p. [*Supra]
- BACKHEUSER, Everardo. *A política e a Geopolítica, segundo Kjellén*. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 110, set-out., pp. 534-539, 1952. [*Supra]
- _____. *Leis geopolíticas da evolução do Estados*. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 88, jul., pp. 419-430, 1950. [*Supra]
- _____. *Geopolítica e geografia política*. In: **Revista brasileira de geografia**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1, jan-mar, pp. 853-862, 1942. [*Supra]
- BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. (Tradução Plínio Augusto Coêlho). São Paulo: Hedra, 2014. 132p. (Estudos Libertários)
- _____. **O princípio do Estado e outros escritos**. (Org. e trad. Plínio Augusto Coêlho). São Paulo: Hedra, 2011. 136p. (Estudos Libertários)
- BALMES, Jaime Luciano. **Ideologia**. Edição revista por R. de Meréje. São Paulo: Edições Cultura Moderna, s/d. 132p. (Série Cultural As Grandes Obras; 35)
- BARBOSA, Altiva; HEIDEMANN, Dieter e ZELER, Jans. *A geopolítica como geografia política aplicada: a "Zeitschrift für Geopolitik" (1924-1944)*. In: **ANAIS - 8º Encontro Nacional de Geógrafos**. Movimento brasileiro, movimento geográfico: território, ambiente, cidadania. Salvador, vol. 1, pp. 237-244, julho, 1990. [**Supra]
- BELINA, Bernd. *Geographisch Ideologieproduktion – Kritik der Geographie als Geographie*. In: **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**. Frankfurt, v. 7, nº 3, pp. 510-537, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I. 8ª edição revista, 2ª reimpressão. (Tradução de Sergio Paulo Rouanet; revisão técnica Márcio Seligmann-Silva; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin). São Paulo: Brasiliense, 2014. 272p. (Obras Escolhidas; v. 1)
- BERDOULAY, Vincent. *Les idéologies comme phénomènes géographiques*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, nº 77, pp. 205-216, septembre, 1985.
- BONAPARTE, Napoléon. **Correspondence de Napoléon I^{er}**. Tome dixième. Paris: Henri Plon & J. Dumaine, 1862. 622p.
- BOTELHO, Caio Lóssio. **A filosofia e o processo evolutivo da geografia**. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFCE, 1987. 112p.
- BOWMAN, Isaiah. *Geografía versus Geopolítica*. In: WEIGERT, Hans W. y STEFANSSON, Vilhjalmur. **Política y poder en un mundo chico: una compilación de ensayos diversos autores sobre temas actuales geografia política**. Traducción de José Otero Espasandín. Buenos Aires: Editorial Atlántida, 1948. 477p. [*Supra]



CAPALBO, Creusa. **Ideologia e Educação**. São Paulo: Convívio, 1978. 114p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 160p.

CÉLÉRIER, Pierre. **Géopolitique et géostratégie**. 2ª édition. [1ª ed. 1955]. Paris: Paris Presses Universitaires de France, 1961. 128p. [*Supra]

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2ª edição, 14ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2011. 125p. (Coleção primeiros passos; 13)

CHIAVENATO, Julio José. **Geopolítica: arma do fascismo**. São Paulo: Global, 1981. 104p. (Geopolítica e estratégia; 2) [*Supra]

_____. *Geografia capenga*. In: **Leia Livros**, ano III, n. 32, fevereiro, p. 14, 1981. [*Supra]

CLAVAL, Paul. *Idéologie et sciences sociales: quelques points de vue*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, n° 77, pp. 185-192, septembre, 1985a.

_____. *Les idéologies spatiales*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, n° 77, pp. 261-269, septembre, 1985b.

_____. *Le marxisme et l'espace*. In: **L'Espace Géographique**. Paris, Éditions Belin, tome 6, n° 03, pp. 145-164, 1977.

COLE, G. D. H. **La organización política: doctrinas y formas**. 6ª reimpressão. (Traducción de Alfonso Reyes). México: Fondo de Cultura Económica, 1974. 96p. (Colección Popular: 7)

COLLINET, Michel. **La tragédie du marxisme: du manifeste communiste a la stratégie totalitaire**. Essai critique. Paris: Calmann-Levy, 1948. 340p.

CORNU, Auguste. *Marxisme et l'Idéologie (I)*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, n° 02, pp. 89-100, janvier/frévrier/mars. 1945.

DARDEL, Eric. **L'homme et la terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1952. 136p. (Nouvelle encyclopédie philosophique; 52)

DE KONINCK, Rodolphe. *Idées, Idéologies et débats en Géographie*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, n° 77, pp. 175-183, septembre, 1985.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. *Certa má herança marxista: elementos para repensar a geografia crítica*. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette (Orgs.). *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Editora UFPA, 2002. 270p. pp.77-108.

DORPALEN, Andreas. **The world of General Haushofer: geopolitics in action**. With an introduction by Colonel Herman Beukema, U. S. A. New York/Toronto: Farrar & Rinehart, Inc, 1942. 337p. [*Supra]



DRESCH, Jean. *Crise de la Géographie?* In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, nº 194, pp. 19-27, août. 1977.

_____. *Réflexions sur la Géographie.* In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, nº 16/21, nº 18, pp. 87-94, mai./juin. 1948.

DURKHEIM, Émile. *Friedrich Ratzel, Antropogeografia.* In: **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 6, n. 1, pp. 192-199, jan./jun. 2015. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/article/view/165/139>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2015.

_____. *Friedrich Ratzel, Geografia Política.* In: **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 7, n. 2, pp. 98-107, jul./dez. 2016. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/156/163>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

_____. *Friedrich Ratzel – Anthropogéographie.* In: **L'Année Sociologique**, troisième année (1898-1899). Sixième section: morphologie sociale, I - Les migrations humaines. Paris: Félix Alcan, pp. 550-558, 1900.

_____. *Friedrich Ratzel – Politische Geographie.* In: **L'Année Sociologique**, deuxième année (1897-1898). Sixième section: morphologie sociale, I – Morphologie générale. Paris: Félix Alcan, pp. 522-532, 1899.

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no Livro Didático.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984. 94p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 7)

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo.** 2ª edição. (Tradução e notas de José da Silva Brandão). Petrópolis: Vozes, 2009. 344p. (Coleção Textos Filosóficos)

_____. **Das Wesen des Christentums.** Leipzig: Otto Wigand, 1841. 450p.

FOUCAULT, Michel. *Sobre a Geografia.* In: **Microfísica do Poder.** 28ª edição. (Organização e tradução de Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 2010. 296p.

_____. *Questions à Michel Foucault sur La géographie.* In: **Hérodote - stratégies - géographie - idéologie.** Revue trimestriel, Paris: François Maspero, nº 1, pp. 71-85, janvier-mars, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148p. (Coleção Leitura)

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu.** Reimpressão. (Tradução do alemão de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Edson



Souza; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza). Porto Alegre: L&PM, 2015. 176p. (Coleção L&PM Pocket; v. 1106)

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Tradução Felipe Gonçalves da Silva. SAP Paulo: Editora Unesp, 2014. 208p.

HARNECKER, Marta. *Estructura ideológica*. In: **Los Conceptos Elementales del Materialismo Histórico**. Sexagesimoquinto edición. México: Siglo Veintiuno Editores, 2005. 297p.

HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da geografia**. (Tradução de Thomaz Newlands Neto). Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História - Comissão de Geografia, 1969. 274p. (Textos básicos; 4)

_____. **Perspective on the nature of geography**. (1ª edição original estadunidense de 1959). Second printing. Published for the Association of American Geographers. Chicago: Rand McNally & Company; London: John Murray, 1960. 201p.

_____. **Nature of geography**: a critical survey of current thought in the light of the past. *Annals of the Association of American Geographers*. Volume XXIX, Numbers 3 and 4. Published by for Lancaster, Pennsylvania, 1939, 658p.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. (Tradução de Carlos Szlak). São Paulo: Annablume, 2005. 252p. (Coleção Geografia e Adjacências)

_____. **Justiça social e a cidade**. (Tradução de Armando Corrêa da Silva). São Paulo: Hucitec, 1980. 291p. (Coleção Geografia: teoria e realidade). Tradução castelhana - **Urbanismo y desigualdad social**. (Traducción de Marina Gonzalez Arenas). Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1977. 340p.

_____. **Social Justice and the City**. London: Edward Arnold, 1973. 336p.

HAUSHOFER, Karl; OBST, Erick; LAUTENSACH, Hermann; MAULL, Otto. **Bausteine zur Geopolitik**. Herausgebern der *Zeitschrift für Geopolitik*. Berlin-Grunewald: Kurt Vowinckel Verlag, 1928. 348p. [*Supra]

_____. **Grenze in ihrer geographischen und politischen bedeutung**. [1ª ed. 1927]. Neubearbeitete Auflage. Berlin: Kurt Vowinckel Verlag, 1939. 279p. [*Supra]

_____. **Le Japon et les japonais**. Préface et traduction de George Montandon. Paris: Payot, 1937. 302p. [*Supra]

HAUSHOFER, Karl Ernst. **Weltpolitik von Heute**. Berlin: Zeitgeschichte Verlag, 1934. 261p. [*Supra]

HAUSHOFER, Karl. **Japan und die Japaner**: ein landes- und volkskunde. [1ª ed. 1933]. Zeite Auflage. Leipzig und Berlin: B. G. Teubner, 1933. 240p. [*Supra]

HEIDEGGER, Martin. **Was Heisst Denken?** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1954, 174p.



- HETTNER, Alfred. *Geopolitik und die politische Geographie*. In: **Geographische Zeitschrift**, Leipzig, 35. Jahrg. 6. H., pp. 332-336, 1929. [*Supra]
- GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. (Tradução de Sérgio Miceli). Rio de Janeiro: Forense, 1969. 202p.
- GIBLIN, Béatrice. *Hérodote, une géographie géopolitique*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, nº 77, pp. 283-294, septembre, 1985.
- GICOVATE, Moisés. **Manual de Geografia Humana**. 2ª edição. (1ª edição de 1947). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952. 240p.
- GILBERT, Anne. *Et si les géographes s'intéressaient aux idéologies moins officielles...* In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, nº 77, pp. 217-224, septembre, 1985.
- GOTTMANN, Jean. **La Politique des États et leur géographie**. Paris: Armand Colin, 1952. XII-228p. (Collection Sciences Politiques)
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4ª edição. (Tradução de Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 245p. (Coleção Perspectiva do Homem; Série Filosofia; 48)
- _____. **Gli Intellettuali e l'Organizzazione della Cultura**. Torino: Giulio Einaudi Editori, 1949, XVI-208p. (Opere di Antonio Gramsci)
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989. 114p.
- KJELLÉN, Rudolf. **Der Staat als lebensform**. Zweite Auflage. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1917, pp. I-IX. 340p. [*Supra]
- _____. **Staten som lifsform**. Stockholm: Hugo Gebers Förlag, 1916, pp. I-XII, 188p. (Politiska Handböcker; III) [*Supra]
- _____. **Die Großmächte und die Weltkrise**. Leipzig und Berlin: B. G. Teubner, 1921, pp. I-IV. 249p. [*Supra]
- _____. **Grundrisze zu einem System der Politik**. Leipzig: S. Hirzel, 1920. 106p. [*Supra]
- _____. **Studien zur Weltkrise**. Autorisierte Übersetzung von Dr. Friedrich Stieve. München: Hugo Bruckmann, 1917, pp. I-VIII. 230p. [*Supra]
- _____. **Die politischen Probleme des Weltkrieges**. Dritte Auflage. Übersetzt von Dr. Friedrich Stieve. Leipzig und Berlin: B. G. Teubner, 1916, pp. I-IV. 142p. [*Supra]
- _____. **Die Großmächte der Gegenwart**. Erste Auflage. Übersetzt von Dr. C. Korch. Leipzig und Berlin: B. G. Teubner, 1916, pp. II-VI. 208p. [*Supra]
- KISS, George. *Geografia política na política: recentes tendências na Alemanha*. In: **Revista brasileira de geografia**, Rio de Janeiro, (Tradução de Germano Jardim), ano 4, n. 4, out-dez, pp. 21-38, 1942. [*Supra]



LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária**. Edição bilíngue. (Tradução de Casemiro Linarth). São Paulo: Martin Claret, 2009. 144p. (Coleção a Obra-Prima de cada autor; 304)

_____. *Discours de la servitude volontaire*. In: **Œuvres complètes**. Réunies et publiées par Léon Feugère. Paris: Jules Delalain, 1846. 551p.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. (1ª edição original francesa de 1976). 19ª edição, 2ª reimpressão. (Tradução de Maria Cecília França; apresentação de José William Vesentini). Campinas: Papyrus, 2013. 240p.

_____. *A Geografia*. In: CHÂTELET, François (Org.). **História da Filosofia (Ideias, Doutrinas). Volume VII**. A filosofia das ciências sociais. De 1860 aos nossos dias. (1ª edição original francesa de 1973). 2ª edição. (Tradução de Hilton Ferreira Japiassú). Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 332p.

_____. *Pourquoi Hérodote? Crise de la géographie et la géographie de la crise*. In: **Hérodote** - stratégies - géographie - idéologie. Revue trimestriel, Paris: François Maspero, n° 1, pp. 08-70, janvier-mars, 1976a.

_____. **La Géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. Paris: François Maspero, 1976b. 190p. (Petite collection Maspero)

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 3ª edição. (Tradução de Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2013. 152p. (coleção TRANS)

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. (Tradução de Mariana Sérvulo da Cunha; revisão da tradução Claudia Berliner; posfácio de Marcia Cristina Consolim). São Paulo: Martins Fontes, 2008. 224p. (Coleção Tópicos)

_____. **Psychologie des Foules**. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1947. 142p. (Bibliothèque de philosophie contemporaine)

LÉVY, Jacques. *Géographie et idéologies. Entre la sujétion et l'autonomie*. In: **Espaces Temps**, les cahiers. Élargir l'horizon. Paris, n° 18/20, n° 18, pp. 41-63, 1981.

_____. *Une rencontre sur l'idéologie et géographie. Cambridge en cinq leçons*. Texte présenté au Colloque franco-anglais "Idéologie et géographie". Cambridge (GB), 23-25 mars 1979. In: **Espaces Temps**, les cahiers. Conjoncture. Paris, v. 13, n° 13, pp. 42-51, 1979.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. (Tradução Rodnei Nascimento; revisão Karina Janini). São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos)

_____. **Historia y Conciencia de Clase: estudios de dialética marxista**. (Traducción castellana de Manuel Sacristán). México: Editorial Grijalbo, 1969. 354p. (Colección Obras Completas; III)



- MAKHAÏSKI, Jan Waclav. **Le socialisme des intellectuels**. Textes choisis, traduits et présentés par Alexandre Skirda. Paris: Éditions Seuil, 1979, 258p. (Collection Points; série politique; 102)
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 4ª edição. (Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro). Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 332p.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia**: o que todo cidadão precisa saber sobre ideologia. 4ª edição. São Paulo: Global, 1988. 96p. (Série Sociedade e Estado; Coleção Cadernos de Educação Política; 2)
- MARQUES, Antonio José. *Introdução*. In: GOETHE, Johan Wolfgang von. **Ensaio Científico**: uma metodologia para o estudo da natureza. (Apresentação e introdução Antônio José Marques; seleção e tradução de textos de Goethe Jacira Cardoso) São Paulo: Barany Editora/Ad Verbum Editorial, 2012. 120p.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. (Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri). 5ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2012. 192p. (Coleção Marx & Engels)
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). 3ª reimpressão. (Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano). São Paulo: Boitempo, 2015. 616p. (Coleção Marx & Engels)
- _____. **Manifest der Kommunistischen Partei – Grundsätze des Kommunismus**. Stuttgart: Philipp Reclam, 1983. 96p. (Universal-Bibliothek; 8323). Tradução brasileira - **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução Pietro Nasseti. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2008. 144p. (Coleção a Obra-Prima de cada autor; 44)
- MAULL, Otto. **Politische Geographie**. Berlin: Safari Verlag, 1956. 624p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **As Aventuras da Dialética**. (Tradução de Claudia Berliner; revisão técnica e da tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar). São Paulo: Marins Fontes, 2006. 324p. (Tópicos)
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. (Tradução Magda Lopes e Paulo César Castanheira). 5ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2014. 568p. (Coleção Mundo do Trabalho)
- _____. **A teoria da alienação em Marx**. (Tradução de Isa Tavares). São Paulo: Boitempo, 2006. 293p. (Coleção Marxismo)
- MIYAMOTO, Shiguenoli. **Geopolítica e autoritarismo**: o caso brasileiro. Marília: UNESP, 1984. 41p. (Séries monográficas; 1) [*Supra]
- _____. **Escola superior de Guerra**: mito e realidade. Marília: UNESP, 1988. 58p. (Séries monográficas; política; 6) [*Supra]



- MONNEROT, Jules. **Démarxiser l'Université**. Paris: La Table Ronde, 1970. 179p. (Collection La Table Ronde de Combat. Série Les Brûlots; 16)
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. São Paulo: Annablume, 2011. 160p. (Coleção Geografias e Adjacências)
- _____. **Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Annablume, 2005a. 158p. (Coleção Geografias e Adjacências)
- _____. **Território e História no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2005b. 156p. (Coleção Geografias)
- MOREIRA, Ruy. *A Geografia serve para desvendar máscaras sociais*. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 190p. Publicado original e anteriormente - *A Geografia serve para desvendar máscaras sociais*. In: MOREIRA, Ruy (Org.). **Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão**. Petrópolis: Vozes, 1982a. 236p.
- _____. **O Discurso do Averso: para a crítica da geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014. 192p. Anteriormente publicado - **O Discurso do Averso: para a crítica da geografia que se ensina**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987. 190p.
- _____. **Geografia e Práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012. 222p.
- _____. **O que é Geografia**. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2009. 96p. (Coleção primeiros passos; 48)
- _____. *Marxismo e Geografia (A geograficidade e o diálogo das ontologias)*. In: **GEOgraphia**, Niterói, v. 06, nº 11, pp. 21-37, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/140/135>>. Acesso em 27 de junho 2015.
- _____. **O Círculo e a Espiral: a crise paradigmática do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Editora Obra Aberta, 1993. 142p.
- _____. *Repensando a Geografia*. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982b. 224p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**, ou como se filosofa com o martelo. (Tradução, apresentação e notas Renato Zwick). Porto Alegre: L&PM, 2009. 144p. (Coleção L&PM Pocket; 799)
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. 12ª edição. São Paulo: Editora Moraes, s/d. 205p.
- ORTEGA Y GASSET, José. **La rebelión de las masas**. (Con un prólogo para franceses, un epílogo para ingleses y un apéndice: dinámica del tiempo).



Introducción de Julián Marías. Madrid: Espasa-Calpe, 1976. 264p. (Ensayo Selecciones Austral; 7)

PAULO SERRA, Joaquim Mateus. **Alienação**. Universidade da Beira Interior. Portugal: Covilhã, 2008. 20p. (Coleção: Artigos LUSOSOFIA). Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em 30 de dezembro de 2014.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 1ª reimp. Org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 560p. (Companhia de Bolso)

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11ª edição. Introdução e entrevista de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira. São Paulo: Cortez, 2000. 120p.

PONCET, Jean. *Les géographes marxistes et Hérodote*. In: **Hérodote - stratégies - géographie - idéologie**. Revue trimestriel. Paris: François Maspero, nº 2, pp. 144-152, avril-juin, 1976.

_____. *Les marxistes et la géographie* (continuación). In: **L'Humanité**. Paris, n. 18, pp. 06-76, s/d.

POULANTZAS, Nicos. *El Estado capitalista y las ideologías*. In: **Poder Político y Clases sociales en el Estado capitalista**. Trigésima edición en español (Traducción de Florentino M. Torner). México: Siglo Veintiuno Editores, 2007. 472p.

_____. *Los aparatos ideológicos: ¿el estado = represión + ideología?* In: **Estado, Poder y Socialismo**. Novena edición. (Traducción de Fernando Claudín). México: Siglo Veintiuno Editores, 2005. 327p.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. (Tradução Liliana Laganá Fernandes). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 155p. (Coleção Geografia e Sociedade; 1)

RACINE, Jean-Bernard, GREER-WOOTTEN, Bryn et GILMOUR, Gillian. *De l'idéologie de l'espace à l'idéologie dans l'espace*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, nº 77, pp. 225-239, septembre, 1985.

RACINE, Jean-Bernard. *Discours idéologique et discours géographiques: perspectives épistémologiques et critiques*. In: **Hérodote - stratégies - géographie - idéologie**. Revue trimestriel. Paris: François Maspero, nº 6, pp. 109-159, avril-juin, 1977.

RAFFESTIN, Claude. *Marxisme et Géographie Politique*. In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, nº 77, pp. 271-281, septembre, 1985.

_____. *Géographie, métagéographie, idéologie*. Texte présenté au colloque de Cambridge 23-25 mars 1979, p. 1-5, «Idéologie et géographie». In: **Archive ouverte UNIGE**. Université de Genève, pp. 01-06. Disponível em: <<http://archive-ouverte.unige.ch/unige:4523>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.



RANCIÈRE, Jacques. **Sobre a Teoria da Ideologia**: a política de Althusser. (Tradução de Luz Cary e Joaquim José Moura Ramos, revista pelo autor). Porto: Portucalense Editora, 1971. 45p. (Textos de Apoio; 5)

RATZEL, Friedrich. **Politische Geographie**. [1ª ed. 1897]. Neudruck der dritten auflage von 1923, durchgesehen und ergänzt von Eugen Oberhummer. Osnabrück: Otto Zeller Verlag, 1974. 626p.

_____. **Geografia dell'uomo (Antropogeografia)**: principi d'applicazione della scienza geográfica alla storia. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero) Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p.

_____. **Anthropogeographie**: die geographische verbreitung des menchen. Zweite Auflage. [1ª ed. 1891]. Zweiter Teil. (Herausgegeben von Ernst Friedrich) Stuttgart: Verlag von J. Engelhornes Nachf, 1912, pp. I-XXX. 605p.

_____. **Anthropogeographie**: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte. [1ª ed. 1882 e 2ª ed. 1899]. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgegeben von Prof. Dr. Albrecht Penck) Stuttgart: Verlag von J. Engelhorn, 1909, pp. I-XVI. 400p.

_____. **Politische Geographie oder die Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges**. [1ª ed. 1897]. Zweit auflage. München und Berlin: Druck und Verlag von R. Oldenbourg, 1903, pp. III-VI, 838p.

_____. **Der Lebensraum**. *Eine biogeographische Studie*. Verlag der Laupp'schen Buchhandlung, Tübingen, 1901, 87p. [*Supra]

_____. **Das Meer als Quelle der Völkergrösse**: *eine politisch-geographische Studie*. München und Leipzig: Druck und Verlag von R. Oldenbourg, 1900, pp. I-V, 86p. [*Supra]

_____. **Der Staat und sein Boden geographisch betrachtet**. Leipzig: S. Hirzel, 1896b. 127p. [*Supra]

_____. *Die Gesetze des räumlichen Wachstums des Staaten*. In: **Petermanns Mitteilungen**, Gotha, Band 42, pp. 97-107, 1896a. [*Supra]

RECLUS, Elisée. **L'homme et la Terre**. 6 volumes. Paris: Librairie Universelle, 1905-1908.

RECLUS, Elíseo. **El hombre y la tierra**. 6 voumes. (Versión española por A. Lorenzo; bajo la rerisión de Odón de Buen) Barcelona: Escuela Moderna, 1906-1909. 570p.

RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. (Tradução de Silvio Rosa Filho e Thiago Martins). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 368p. (Coleção Filô)

_____. **Ideologia e Utopia**. (Tradução Tereza Lauro Perez). Lisboa: Edições 70, 1991. 527p. (Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea; 18)



- _____. *Idéologie, utopie et politique*. In: **Du texte a l'action: essais d'herméneutique II**. Paris: Éditions Du Seuil, 1986. 417p.
- _____. **Interpretação e Ideologias**. 4ª edição. (Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 173p.
- ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras estórias**. 15ª edição. São Paulo: Nova Fronteira, 2008. 240p.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. (Tradução de Lya Lett Luft). 2ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Geração Editorial, 2012a. 364p.
- _____. **Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: uma biografia**. (Tradução Willian Lagos). 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2012b. 683p.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. (1ª ed. 2000). 18ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009. 176p.
- _____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. (1ª ed. 1978). 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. 288p. (Coleção Milton Santos; 2)
- _____. *Alguns problemas atuais da contribuição marxista à geografia*. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. 224p.
- SARTRE, Jean-Paul. *Questões de método*. In: **Crítica da Razão Dialética – precedido de Questões de método**. Texto estabelecido e anotado por Arlette Elkaim-Sartre. Tomo I. Teoria dos Conjuntos Práticos. (Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira; apresentação da edição brasileira Gerd Bornheim). Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002, 900p.
- _____. **Questions de méthode**. Paris: Gallimard, 1967. 255p. (Collection Idées nrf; 140)
- _____. *Questions de méthode*. In: **Critique de la raison dialectique – précédé de Question de méthode**. Tome I. Théorie des ensembles pratiques. Paris: Librairie Gallimard, 1960. 760p. (Bibliothèque des Idées – nrf)
- SAUTTER, Gilles. *La Géographie comme Idéologie?* In: **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec, v. 29, n° 77, pp. 193-203, septembre, 1985.
- SCHAEFER, Fred K. *O Excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico*. In: **Boletim de Geografia Teorética** (Ageteo – Rio Claro-SP), pp. 06-37, vol. 7, n° 13, 1977.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Ideologia e Contra-ideologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária (E. P. U.), 1986. 110p. (Temas Básicos de Educação e Ensino)



SILVA, Armando Corrêa da. *A Aparência, o Ser e a Forma (Geografia e Método)*. In: **GEographia**, Niterói, v. 02, nº 03, pp. 07-25, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/27/25>>. Acesso em 17 de julho 2011.

_____. **Geografia e Lugar Social**. São Paulo: Contexto, 1991. 144p. (Coleção Caminhos da Geografia)

_____. **O Espaço fora do Lugar**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1988. 128p. (Coleção Geografia: teoria e realidade)

_____. **De quem é o Pedaco?** Espaço e cultura. São Paulo: Hucitec, 1986. 169p. (Coleção Geografia: teoria e realidade)

_____. *Contribuição à crítica da crise da geografia*. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. 224p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Professor e o Combate à Alienação Imposta**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2002. 86p. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 57)

SILVA, Octavio Tosta da. *Teorias geopolíticas*. In: **Revista da Escola Superior de Guerra (ESG)**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 21, set-out., pp. 143-184, 1992. [*Supra]

SION, Jules. *A Segunda Edição da Geografia Política de Friedrich Ratzel*. In: **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 7, n. 2, pp. 108-111, jul./dez. 2016. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/157/164>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

_____. *La Seconde Édition de la Politische Geographie de Friedrich Ratzel*. In: **Annales de Géographie**, tome XIII, pp. 171-173, Paris: Librairie Armand Colin, 1904.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia: geografia e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1976. 136p.

SORRE, Max. **Rencontres de la Géographie et de la Sociologie**. Paris: Marcel Rivière, 1957, 216p. (Petite bibliothèque sociologique internationale. Série A: Auteurs contemporains; 4)

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *A Filosofia na Antropogeografia de Friedrich Ratzel*. In: **Caderno de Geografia**. (PUCMG), Belo Horizonte, v. 24, n. 42, pp. 155-168, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/P.23182962.2014v24n2p155>>. DOI: 10.5752/P.2318-2962.2014v24n42p155. Acesso em 18 de julho de 2014.

SPAHR, Columban. *Politische Geographie und Geopolitik*. In: **Schweizer Schule**, Zürich, Band 30, Heft 7, pp. 211-215, 1943. [*Supra]



SROUR, Roberto Henry. **Classes, Regimes, Ideologias**. São Paulo: Ática, 1987. 288p. (Série Fundamentos; 32)

STIRNER, Max. **O Falso Princípio da Nossa Educação**. (Tradução Plínio Augusto Coêlho). São Paulo: Imaginário, 2001. 88p.

STRAUSZ-HUPÉ, Robert. **Geopolítica: la lucha por el espacio y el poder**. Traducción de Ramón Ulía. México: Editorial Hermes, [1945]. 306p. [*Supra]

_____. **Geopolitics: the struggle for space and power**. New York: G. P. Putnam's sons, 1942. 274p. [*Supra]

THORNDIKE JR., Joseph J. *Geopolítica: o espantoso desenvolvimento de um sistema científico que um inglês inventou, os alemães usaram e os americanos precisam estudar*. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, (Tradução de Orlando Valverde e Jorge Zarur), ano 1, n. 6, set., pp. 15-26, 1943. [*Supra]

TOSTA, Octavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 102p. [*Supra]

TROLL, Carl. *Die geographische Wissenschaft in Deutschland in den Jahren 1933 bis 1945: Eine Kritik und Rechtfertigung*. In: **Erdkunde**, Bonn, Band I, pp. 03-48, 1947. [*Supra]

_____. *A geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945: uma crítica e uma prestação de contas*. Primeira parte. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, (Tradução de W. A. Egler), ano 7, n. 82, jan., pp. 1116-1130, 1950a. [*Supra]

_____. *A geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945: uma crítica e uma prestação de contas*. Segunda parte. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, (Tradução de Walter Egler), ano 7, n. 83, fev., pp. 1269-1282, 1950b. [*Supra]

VICENS VIVES, Jaime. **Tratado general de geopolítica**. Barcelona: Editorial Teide - Universidad de Barcelona, 1950. 234p. [*Supra]

VOWINCKEL, Kurt. *Geopolitik und politische Geographie*. in: **Zeitschrift für Geopolitik**, Heidelberg, Band 13, pp. 688-693, 1936. [*Supra]

WEIGERT, Hans W. **Geopolítica: generales y geógrafos**. Versión española de Ramón Iglesia. México: Fondo de Cultura Económica, 1943. 280p. (Geopolítica; IV – cuestiones del día) [*Supra]

WHITTLESEY, Derwent. *Haushofer: the geopoliticians*. pp. 388-411. In: EARLE, Edward Mead, with the collaboration of CRAIG, Gordon A. and GILBERT, Felix. **Makers of Modern Strategy: Military Thought from Machiavelli to Hitler**. [1ª ed. 1941]. Third printing. Princeton: Princeton University, 1948. 553p. [*Supra]

WHITTLESEY, Derwent Stainthorpe. **German strategy of world conquest**. With the collaboration of Charles C. Colby and Richard Hartshorne. New York/Toronto: Farrar & Rinehart, Inc, 1942. 293p. [*Supra]



WITTFOGEL, Karl August. *Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo*. Tradução de Heins Dieter Heidemann, Altiva Barbosa, Roberto Giansanti e Glória Alves, com a colaboração de Jans Zeller. In: **Seleção de Textos**, AGB, Teoria e Método, n. 20, pp.19-69, março, 1992. 84p.

WERNECK, Vera Rudge. **A Ideologia na Educação**: um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1984. 132p.

ZWEIG, Stefan. *Hölderlin*. (Tradução de Aurélio Pinheiro). In: **Obras Completas**, tomo II - os construtores do mundo - Balzac, Dickens, Dostoievski, Hoelderlin, Kleist, Nietzsche. Rio de Janeiro: Delta S. A., 1956. 376p.